

CORSET

Novas Narrativas

Catharina Barbosa

Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil

Faculdade SENAI/CETIQT

Curso de Bacharelado em Design

Catharina Barbosa Figueiredo Pinheiro

Corset, Novas Narrativas

Um estudo sobre a construção e ressignificação do imaginário popular em
torno do espartilho

Rio de Janeiro

2021

Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil

Faculdade SENAI/CETIQT

Curso de Bacharelado em Design

Catharina Barbosa Figueiredo Pinheiro

Corset, Novas Narrativas

Um estudo sobre a construção e ressignificação do imaginário popular em torno do espartilho

Projeto de Conclusão de Curso a ser submetido à Comissão Examinadora do Curso de Bacharelado em Design, da Faculdade SENAI-CETIQT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Design.

Profª Rosanna Naccarato

Rio de Janeiro

Ficha catalográfica

PINHEIRO, Catharina

Corset, Novas Narrativas: Um estudo sobre a construção e ressignificação do imaginário popular em torno do espartilho / Catharina Barbosa Figueiredo Pinheiro – Rio de Janeiro, 2021.

119 p.

Projeto de Conclusão de Curso a ser submetido à Comissão Examinadora do Curso de Bacharelado em Design, da Faculdade SENAI-CETIQT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Design.

1. Design de moda. 2. Espartilho. 3. Indumentária. 4. História do vestuário I. Título.

Catharina Barbosa Figueiredo Pinheiro

Corset, Novas Narrativas

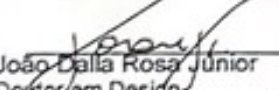
Um estudo sobre a construção e ressignificação do imaginário popular em torno do espartilho

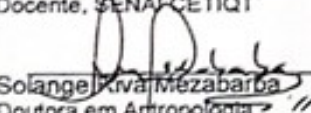
Projeto de Conclusão de Curso a ser submetido à Comissão Examinadora do Curso de Bacharelado em Design, da Faculdade SENAI CETIQT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Design.

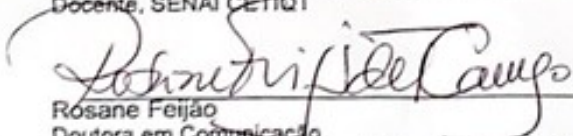
Data de Aprovação: 29/06/2021.

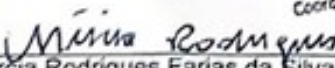
Banca Examinadora:


Rosanna Naccarato
Especialista em Educação Estética
pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
Docente, SENAI CETIQT


João Dalla Rosa Júnior
Doutor em Design
pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)
Docente, SENAI CETIQT


Solange Riva Mezaroba
Doutora em Antropologia
pela Universidade Federal Fluminense (UFF)
Docente, SENAI CETIQT


Rosane Feijão
Doutora em Comunicação
pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Pesquisadora Independente


Mércia Rodrigues Farias da Silva
Coordenadora de Ensino Superior
SENAI CETIQT

Agradecimento

Gostaria de começar agradecendo a família: minha mãe, Sonia e meu pai, Weber, que sempre acreditaram e me incentivaram para seguir meus sonhos, além de terem construído em mim valores pela luta por igualdade, justiça social e meu amor pela educação; também aos meus 7 irmãos que me acompanharam nessa trajetória; e aos meus gatos e cachorros, que me trouxeram alegria e conforto em todos os momentos.

Meu namorado, Marcelo, que está comigo há mais de 7 anos e com quem compartilhei as maiores aflições e felicidades não só desse projeto, mas também da vida, agradeço o companheirismo e parceria que construímos juntos.

Aos meus amigos, Carol, Fernanda, Rafael e Victória, agradeço a longa história de amizade e apoio, espero muitos novos momentos ao lado de vocês; ao Marlon, que embora seja mais recente se faz presente em todos os momentos; e a todos os amigos que fiz durante a graduação e me ajudaram a concluir esse ciclo.

Agradeço a Pauline Kisner, criadora do canal A Modista do Desterro, e que mesmo sem precisar, me ajudou disponibilizando um capítulo do livro *The Corset: A Cultural History*, que foi fundamental para minha pesquisa. Também aos meus seguidores do Instagram, que sempre que viam algo relacionado ao espalho me marcavam ou mandavam para me ajudar, além de terem acompanhado essa trajetória virtualmente com os surtos e conquistas.

A minha orientadora, Rosanna Naccarato, que foi sem igual em apoio e suporte tanto profissional quanto pessoal, me inspirando e sendo essencial na construção desse projeto. Naccarato é um exemplo em todos os sentidos, a admiro muito e foi uma honra ser sua orientanda.

A todos os professores e educadores que fizeram parte da minha trajetória, sem eles nada seria possível e os considero os verdadeiros heróis nesse momento de pandemia. Especialmente os que aceitaram meu convite para a banca, João Dalla e Solange Mazabarba, nos quais tenho grande estima

e admiração; a convidada Rosane Feijão, que gentilmente se disponibilizou para participar da banca e é uma grande referência teórica para todos na área da moda.

Um agradecimento especial a Carolina Casarin, professora que acreditou no meu projeto desde o início e foi uma grande responsável por desenvolver meu amor pela indumentária.

Por último, gostaria de agradecer a mim pelo esforço e comprometimento na realização desse projeto, e por conseguir finalizá-lo durante uma pandemia, apesar de todas as dificuldades externas e internas.

“Ela virá, a revolução, e trará ao povo,
não só o direito ao pão, mas também à
poesia.”

Leon Trotsky

Resumo

O espartilho, das vestimentas ocidentais, é uma das peças mais controversas e significativas que temos. Ao longo de sua história, foi um objeto ao qual foram atribuídos sobre ele diversos estigmas negativos, desde a concepção de peça opressiva e restritiva até mesmo o culpando por grandes problemas de saúde e risco de morte. Esse projeto tem como objetivo entender e desconstruir essa narrativa única, analisando através de sua história e relações sociais, o discurso hegemônico e os reais usos e implicações do *corset* no corpo e na sociedade, o entendendo como objeto plurissignificativo e associando-o a atualidade em questão de estilo e ressignificação do vestuário. Os debates histórico-científicos e as questões gênero-sociais foram utilizados para compreender que a peça não é monolítica e uma experiência imutável, e sim uma construção social que possui sentidos distintos a diferentes pessoas em diferentes épocas, sendo atribuída como suporte, distinção social, respeitabilidade, opressão, fetichismo, estilo e expressão individual ao longo de sua trajetória.

Palavras-chave: Design de moda. Espartilho. Indumentária. História do vestuário.

Abstract

The corset, from western garments, is one of the most controversial and significant that is. Throughout its history it had been an object which several bad stigmata were associated with, from the concept of an oppressive and restricting garment to the point of blaming it for major health issues and risk of death. This project has the objective of understanding and deconstructing this current narrative through analyzing its history and social relationship, the hegemonic narrative and its true usage and implications of the corset on the body and in the society, thus understanding it as a plurisignificant object and relating it to the current day in the matter of style and reframing the garment. The historic and scientific debates, and the social and gender matters were used to understand that it is not a monolithic piece of clothing nor an unchanging experience, on the other hand it is a social construction that has different meaning from person to person through the history, being assigned as body support, social distinction, respectability, oppression, fetish, style and individual expression throughout its history.

Key-words: *Fashion Design. Corset. Clothing. History of clothing.*

Sumário

Introdução	17
1. A História	21
2. Novas Narrativas: Imersão histórica-médica.....	36
2.1 Os primeiros mitos: A história em perspectiva	36
2.2 Os questionamentos médicos-científicos.....	48
3. Corset, Moda, Gênero e Feminismos	61
3.1 O século XIX: Questões de gênero, teorias reformistas e polêmicas em torno dos <i>tight-lacers</i>	61
3.2 Século XX e XXI: Feminismos e feminilidade	72
4. Atualidade e Ressignificação	85
Considerações finais	109
Referências	114

Introdução

O trabalho tem como objetivo trazer uma nova narrativa sobre o *corset* analisando sua história, relações sociais e questionando o discurso hegemônico a fim de desconstruir o imagético depreciativo que ronda em volta da peça, associando-a aos dias atuais em questão de estilo e ressignificação do vestuário. Dessa forma, o projeto consiste em analisar tanto o debate histórico-científico quanto as questões de gênero-sociais envolvidas, para desconstruir mitos e estabelecer debates desse objeto tão controverso. A motivação surgiu com o uso pessoal de *corset* e os constantes questionamentos sobre saúde, opressão e desconforto ao uso, por isso é importante trazer à luz alguns debates e procurar um novo olhar que compreenda as particularidades e reais trajetórias de uma peça tão importante na história da indumentária e que é usada até os dias hoje das mais diversas formas e com os mais diversos discursos.

Visto a dificuldade de se encontrar o conjunto desses conhecimentos na língua portuguesa, somado ao crescente número de pessoas adeptas ao espartilho, esse estudo se faz necessário à medida que tanto os historiadores do vestuário, quanto os usuários dessa vestimenta, se carecem de informações históricas, sociais e ergonômicas, que auxiliam não só em questões de segurança do uso, mas também para contextualizar, fundamentar e legitimar suas práticas e discursos. Assim, o encaminhamento se deu através de revisão bibliográfica e pesquisa em registros históricos, para suprir a necessidade de conhecimento aprofundado do espartilho em seus rumos e suas particularidades como objeto de estudo.

O *corset* é um traje que possui como objetivo inicial sustentar o tronco e reduzir a cintura, contando com amarrações e barbatanas que o tornam rígido e estruturado, para dar uma nova silhueta de acordo com o padrão de beleza vigente, e como objeto, a peça assumiu muitos valores morais e éticos pejorativos ao longo de seu uso, perpassando por nuances sociais, políticas e estéticas, que serão exploradas para traçar esse processo de criação e perpetuação de mitos e exageros. Destaca-se, que esse projeto foi realizado durante a pandemia do COVID-19, limitando o acesso a bibliotecas e sendo produzido de forma remota em um contexto atípico.

No capítulo um, será estabelecida uma análise histórica da peça, mostrando resumidamente sua linha do tempo e principais marcos e silhuetas ao longo dos séculos até os dias atuais, traçando seus usos e permanências e identificando os altos e baixos para se ter uma base do objeto de análise e entender seus diferentes momentos na sociedade. É importante destacar, que foi determinado o uso do termo espartilho como sinônimo e tradução da palavra *corset*, que também foi usada, por fins práticos, para se referir a versões anteriores que possuíam outros nomes como *stays* e par de corpetes. O capítulo é uma introdução da peça, para conhecê-la em estrutura e em história, adicionando alguns questionamentos sobre sua narrativa hegemônica. As principais referências utilizadas foram os livros *The History os Underclothes*, *Corsets and Crinolines* e o trabalho de conclusão de curso *Corpo Espartilhado e Corpo Libertado*, além das demais sinalizadas no projeto.

O segundo capítulo conta com duas subdivisões: a primeira que aborda os principais mitos históricos em volta do *corset*, que buscará decifrar através de análise do discurso, propagandas, anúncios e registros históricos, a dimensão e profundidade da peça, questionando a construção de um discurso único e investigará as verdadeiras noções morais e físicas atribuídas ao espartilho. Com isso, se busca interpretar a imagem que temos hoje desse objeto e quais são os principais conceitos a serem desconstruídos, indo contra a revisão histórica feita por alguns historiadores do vestuário e questionando: quem e como se usava a peça, os tamanhos reais das cinturas, as contradições, moralidades, e a imagem construída em torno da mulher espartilhada. Contanto com o apoio teórico de umas das principais referências teóricas atuais do espartilho: Valerie Steele, em seus livros *Fetichismo* e *Encyclopedia of Clothing and Fashion*, além de outras fontes como as já citadas no capítulo anterior.

A segunda divisão explora os mitos da ciência, medicina e ergonomia do *corset*, a fim de se pensar suas reais limitações e transformações físicas e psicológicas, utilizando principalmente o capítulo terceiro do livro *The Corset: A Cultural History*, também da Valerie Steele, sendo o único capítulo que tive acesso deste livro devido à dificuldade de encontrá-lo, porém pude contar com a gentileza de Pauline Kisner, uma até então desconhecida que me deu acesso

a esse fragmento; além dele a análise também conta com estudos independentes de inspeção dos espartilhos e esqueletos de suas usuárias sobreviventes. Essa parte entenderá quais foram os argumentos usados pelos médicos vitorianos do século XIX que acusaram o espartilho de inúmeras doenças e quais as confusões em termos de misturar o corpo social com o corpo físico, para estabelecer uma resolução da segurança ou não do uso da peça, e se ela causa riscos à saúde e a integridade do usuário, tanto na era vitoriana quanto atualmente.

O terceiro capítulo aprofundará as relações de gênero e opressão em relação ao espartilho, estudando o uso das mulheres e sua conexão com o *corset*, tendo em mente as narrativas de políticas de feminilidade, corpo, gênero e moda. Há duas subdivisões, uma contará essa trajetória no século XIX e a outra no século XX e na atualidade: nas quais serão identificados os principais movimentos de permanência e ruptura com a peça, movimentos esses que se expressam nas reformistas do vestuário no século XIX, nos *tight-lacers*, nos protestos feministas de 1968, e na apropriação e ressignificação das subculturas no final da década de 70, refletindo o discurso do espartilho unicamente como objeto opressor e restritivo. O capítulo trará também um diálogo com um recorte dentro dos feminismos e lutas emancipatórias das mulheres, que normalmente renegam o espartilho; de quais as implicações da moda e do *corset* sob o corpo, estabelecendo um debate do corpo natural *versus* o corpo social, e como esse confronto se estabeleceu através de um gênero; e buscará responder o questionamento se o espartilho é, ou não, uma peça opressora. Como referências, há principalmente o mestrado *O Corset na Moda Ocidental*, de Marília Hernandez Jardim, também o livro *Women & Fashion* de Caroline Evans e Minna Thornton, além dos já mencionados anteriormente e referências complementares como *Moda e Arte na Reinvenção do Corpo Feminino do Século XIX* de Maria Alice Ximenes e *O Sexo e as Roupas* de Anne Hollander.

O quarto e último capítulo, fará um mapeamento qualitativo de onde e como o espartilho se encontra na atualidade, quais as principais produtoras, os grupos que o usam, as fontes de informação, os tipos de *corset*, e como a peça se perpetua e ocupa seu lugar no século XXI, entendendo suas diferentes

ressignificações e múltiplas narrativas e formas que a peça estabeleceu na sociedade. Durante a realização do projeto, o espartilho virou tendência e teve um grande aumento de procura nas pesquisas por ele, nos oferecendo exemplos e reflexões sobre a pandemia e a moda, pontuando os movimentos que “viralizaram” e trouxeram o *corset* nessa nova roupagem. O capítulo também buscará fazer uma reflexão sobre os dias atuais e nossa ligação com padrões estéticos de beleza, e sua relação, ou não, com o espartilho. As principais fontes estão ligadas a notícias de sites que trazem os exemplos atuais ao projeto.

Assim, há uma linha completa para a análise e entendimento da construção e perpetuação de um imaginário depreciativo em relação ao espartilho: estudando sua história, e portanto, seu contexto; as construções e análises de seus mitos relacionados com a materialidade da peça; as implicações médico-científicas do espartilho no corpo; o questionamento de gênero e opressão por parte vestuário; e as ressignificações e atualidades de como o *corset* carrega uma grande bagagem política e social consigo e as diferentes reações a esse grande fenômeno do vestuário ocidental, que é o espartilho.

1. A História

Das vestimentas ocidentais, é difícil pensar em uma tão controversa e significativa em questões políticas, sociais e sexuais quanto o *corset*.

O *corset*, também conhecido como espartilho, é uma peça que objetiva sustentar o tronco e reduzir a cintura através de amarrações e barbatanas para dar rigidez, dando forma ao corpo feminino de acordo com a silhueta da moda da época (STEELE, 2005, p.290). Sua história é repleta de mitos e críticas, e independente do veredito, foi um elemento essencial na moda e na construção de um ideal feminino entre o século XVI e o início do século XX, período no qual seu uso foi datado.

Ao longo da história, existiu uma grande reação a peça e não é difícil encontrar documentos de época que o tratavam como o vilão do vestuário ou um instrumento de tortura e de opressão do corpo feminino. Até nos dias de hoje, quando se pesquisa sobre a peça, é certo lidar com cenas de filmes com grandes esforços para apertar seus laços, junto com eventuais desmaios das usuárias e reclamações de celebridades do uso dos figurinos espartilhados, relacionando o *corset* a dor e ao desconforto no imagético social.

As narrativas datadas em torno da peça são legítimas, mas é igualmente válido os questionamentos feitos por alguns autores como a Valerie Steele, que acreditam em um olhar mais neutro sobre o objeto, investigando suas reais reações e marcas na sociedade. Steele, em *The Corset* afirma que

o espartilho não foi uma experiência monolítica e imutável que todas as mulheres infelizes tiveram de experimentar antes de serem libertadas pelo feminismo. Foi uma prática situada que significava coisas diferentes para pessoas diferentes em épocas diferentes. Algumas mulheres de fato vivenciaram o espartilho como um ataque ao corpo. Mas, o espartilho também tinha muitas conotações positivas - status social, arte, autodisciplina, respeitabilidade, beleza, juventude e fascínio erótico. (STEELE, 2001, p.8 apud FERNANDES, 2010, p.10).

Assim, através da história do *corset* podemos entender a complexidade da peça e desvendar suas nuances sociais, políticas e estéticas. Durante a Idade Média entre os séculos V e XV, há relatos do uso de algo semelhante a um

espartilho feito para estreitar a cintura e atrair sexualmente, porém não temos como afirmar a presença de um espartilho real como roupa usual do período (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1992, p.23). O corpo feminino era visto como mais frágil, portanto, incapaz de ter seus músculos autossustentados, trazendo a necessidade de alguma estrutura para dar apoio adicional (STEELE, 2005, p.209).

Foi só durante o século XVI, durante a Renascença, que a peça foi popularizada entre mulheres, eram chamados de “par de corpetes” (Ilustração 1), fazendo a roupa íntima ocupar uma nova função de suportar o tamanho e a forma crescente da saia do período elizabetano. Há alguns poucos relatos de homens utilizando estruturas semelhantes para comprimir a cintura, ajudando a enfatizar a linha do ombro (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1992, p.33). Essa época do Renascimento condiz com o início da moda, fazendo com que a elite usasse o tronco alongado e a postura ereta proporcionadas pelo espartilho como uma forma de diferenciação social.

Ilustração 1: Fotografia “Par de Corpetes” (*Pair of Stays*) da Rainha Elizabeth, 1603.



Fonte: The Dreamstress, 2013.

O *corset*, nesses primeiros séculos, era feito por tiras de ossos de baleia que foram inseridas no tecido para dar o endurecimento necessário da peça, e na parte da frente havia uma placa de madeira chamada *busk*, que foi utilizada para manter a peça rígida. Os ossos de baleia ou barbatanas, na verdade, eram cerdas bucais, que consistiam em longas e flexíveis placas de queratina. Segundo o museu Victoria and Albert (2005), elas amoleciam junto com o calor do corpo do usuário, permitindo que o espartilho se moldasse à sua forma. Existem poucos registros de par de corpetes originais que tenham sobrevivido com o tempo, mas os indícios são de peças simples, sem decorações. Também foi usado pelas crianças de ambos os sexos para lhes dar uma postura vertical, criando um crescimento em linha reta, por um motivo parecido do das mulheres que achavam que precisavam de sustentação na área abdominal (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1992, p.72).

A partir do início do século XVII até o final do século XVIII, o espartilho ficou conhecido como “*stays*” (ilustração 2), transformando o torso em um cone invertido e rígido, levantando os seios, eram usados como base para as volumosas roupas de cima, dando suavidade de perfil e firmeza no contorno. Também havia os *jumps*, que eram versões mais leves, normalmente desossados ou com pouca ossatura, criados mais para o final desse período e eram vistos como menos elegantes, embora dessem mais mobilidade (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1992).

Ilustração 2: Foto de um *Stays*, Reino Unido, por volta de 1780, feito a mão com tecido de linho e osso de baleia.



Fonte: Victoria and Albert Museum, 2005.

Durante a Revolução Francesa, no final do século XVIII, houve um resgate ao estilo antigo de inspiração greco-romana devido às novas condições políticas e um consequente afrouxamento da moral e da conduta. Foi um momento em que a associação com elementos visuais da nobreza era malvista devido a ascensão da burguesia no poder, e esse fenômeno também se estendeu aos corpos: as mulheres simplificaram as vestimentas e houve uma breve fase de substituição dos espartilhos por uma faixa simples e até mesmo seu abandono, se estendendo nas primeiras décadas do século XIX (Ilustração 3). É possível ver nesse contexto o uso e desuso dos espartilhos, fazendo presumir que ambos os estilos coexistiram, porém ele não era a peça da moda do momento (WAUGH, 1954, p.45).

Ilustração 3: Exemplo de uma versão leve do espartilho durante a Revolução Francesa e nas primeiras décadas do século XIX.



Fonte: American Duchess, 2013

Após as consequências da Revolução Francesa, no decorrer do século XIX, e principalmente no início da era vitoriana, houve um movimento de resgatar os velhos hábitos e compensar as práticas morais flexíveis anteriores. Dessa forma, a técnica do *tight-lacing*, que consistia em apertar o *corset* ao máximo para diminuir a curvatura da cintura de forma progressiva e permanente, passou a ser significativamente mais severa (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1992, p.104), mesmo que não fosse uma prática hegemônica, a ossatura do *corset* ficou mais pesada. O ideal da cintura altamente fina voltou ainda com mais força e com métodos supostamente mais drásticos,

(...) Assim como a nobreza do Antigo Regime, a burguesia passou a buscar formas de distinção que exteriorizassem sua condição de classe dominante por meio da elaboração de sua aparência. A fim de produzir sentido e justificar sua existência no mundo, não hesitou em colocar muitas vezes sua saúde em risco ao sobrepor o caráter significacional ao caráter funcional dos trajes. Apesar de conforto e funcionalidade estarem profundamente ligados à ideologia burguesa, não raro seu vestuário contrariava esses valores. Foi o caso dos torturantes espartilhos femininos e dos colarinhos altos e engomados que sufocavam os homens elegantes da época: ambos se mantiveram como signos de status por várias décadas do século XIX, chegando ao século XX. (...) (FEIJÃO, 2011, p.85)

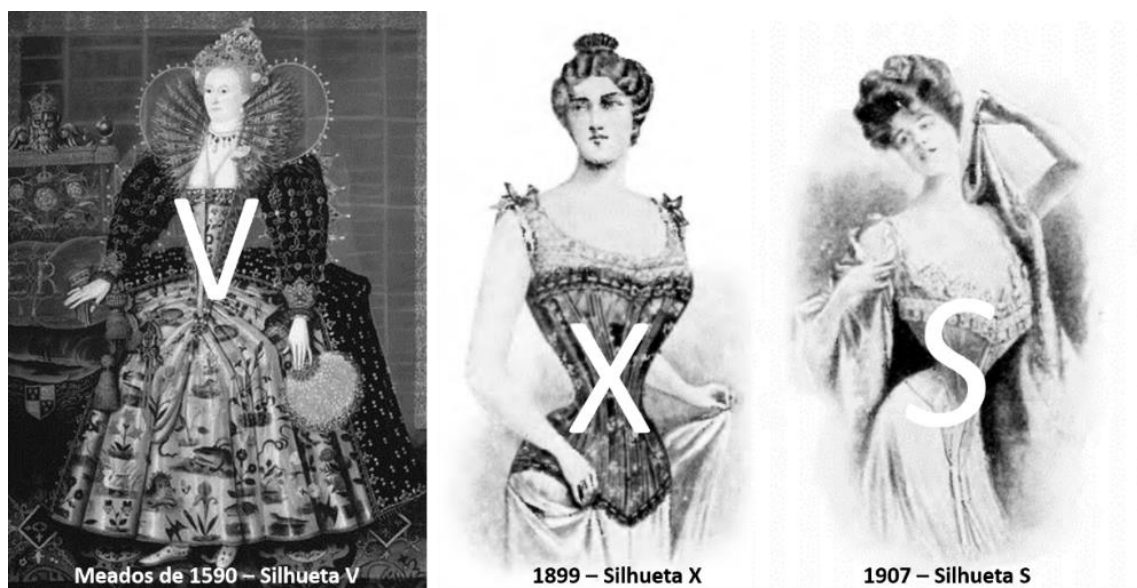
Junto a essas práticas, também houve uma reação, a comunidade médica se posicionou e contra o espartilho, mais especificamente o *tight-lacing*, o qual acreditavam ser o verdadeiro mal do vestuário. Na concepção deles, com a medicina experimental da época, o uso do *corset* era um grande problema para a saúde, o culpando por uma série de doenças e problemas como apoplexia, asma, câncer, deformidades, abortos, problemas digestivos, circulatórios e respiratórios, danos à órgãos internos, costelas quebradas e até a morte precoce (STEELE, 2005, p.291). No livro *The History of Underclothes*, os autores ainda adicionam um segundo elemento da condenação do espartilho: a igreja. Sendo explícita essa relação no trecho: “Enquanto a profissão médica declarou “laços apertados e definhamento sedentário são os maiores inimigos da saúde feminina”, a Igreja foi ainda mais explícita. “O laço apertado, de um ponto de vista moral, se opõe a todas as leis da religião.”” (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1992, p.111, tradução nossa).

Nesse sentido, também havia mulheres alinhadas a pensamentos feministas que propunham uma reforma do vestuário – que foi vista como radical demais para a maioria dos médicos. Porém, mesmo com todos esses fatores alinhados contra os espartilhos, as mulheres continuaram a usá-lo e a defendê-lo a fim de se manter nos padrões vestimentares e estéticos de época, em que a cintura fina ainda era desejada e seu uso, prolongado (FERNANDES, 2010).

Outro fator importante que contribui para o debate é a forma do espartilho (Ilustração 4). Nos séculos iniciais da peça, ele atribuía ao tronco um formato “V”, na Era Vitoriana houve diversos estilos e mudanças no *corset*, seu formato mais conhecido foi o “ampulheta” dando a mulher a silhueta de um “X”, mais tarde na virada do século, com as ideias médicas contrárias a esses formatos foi pensado em uma nova peça chamada “espartilho higiênico”, que tinha como objetivo ser menos brutal ao corpo e trazer a estética sem as complicações de saúde. Essa inovação trazia um formato “S” que, na prática, ainda visava as curvaturas do corpo feminino e não um real afrouxamento. A peça em S, que era alongada, fazia com que o busto fosse empurrado para frente e os quadris para trás, tornando-o muito mais restritivo e ainda mais desconfortável. Os resultados foram opostos aos discursos iniciais (FERNANDES, 2010, p.45). Importante

destacar, que enquanto as primeiras duas silhuetas em “V” e X” são marcadas por uma visão frontal da peça, a em “S” parte de uma vista lateral do corpo para ser compreendida.

Ilustração 4: Principais mudanças da silhueta com o uso do espartilho.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

O século XIX foi decisivo na história do *corset*, junto às questões morais, médicas e estéticas, também acontecia uma grande revolução nos materiais disponíveis e na indústria dos espartilhos, que só crescia. A Revolução Industrial e a democratização da moda ampliaram o acesso à peça, que foi cada vez mais consumida pelas classes médias e baixas (FERNANDES, 2010, p.13). A escassez de ossos de baleia junto com a introdução de novos materiais trouxe uma nova possibilidade de modelos com melhoria de matéria prima e acabamentos (WAUGH, 1954, p.84).

Outro fenômeno singular da Era Vitoriana que afetou diretamente o uso do espartilho foi a crinolina (Ilustração 5), que eram armações usadas por baixo das saias para dar volume, substituindo o grande número de camadas de tecido e peso das anáguas. Ela, por trazer proporções diferentes à silhueta da mulher, ofuscou o uso do espartilho que não precisava mais ser tão apertado devido a ilusão criada pelas enormes saias, sendo o laço apertado uma prática que diminuiu durante a década de 1850 até 70. Porém, nas décadas seguintes, o uso

da crinolina foi perdendo importância até que o *corset* voltou com mais força ainda (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1992, p.126).

Ilustração 5: Desenho Crinolina.



Fonte: Victoriana Magazine (Pinterest), [2019?].

No final do século, novas formas de espartilho já estavam sendo adotadas para atividades físicas como o ciclismo, tornando a peça cada vez mais flexível em certos contextos. As atividades físicas trouxeram uma certa democratização tanto para a roupa feminina quanto para a masculina, pois precisava ser móvel e pouco limitadora. Essas atividades foram uma importante área para a mudança do vestuário feminino (FERNANDES, 2010).

Logo no início do século XX, veio um fenômeno que mudou não só a vestimenta, mas todo o contexto histórico-cultural da Europa: a Primeira Guerra Mundial. Nesses anos, qualquer exagero da moda foi descartado, se tornou desnecessário e, com a escassez vinda da guerra, tudo foi simplificado. O vestuário do período deu luz a roupas mais soltas e confortáveis, não deixando de fora o espartilho, que embora ainda fosse usado com ossatura pesada por mulheres mais velhas, foi amplamente adotado em seus tipos mais leves (WAUGH, 1954, p.89).

Essa nova versão do *corset* foi difundida e usada durante toda a guerra, as roupas de baixo passaram a ser cortadas com formas mais simples (Ilustração 6), sendo substituídas por cintas. Sem o espartilho convencional, o seio precisava de um novo tipo de suporte, criando uma lacuna no vestuário e tornando necessário um novo tipo de sustentação: o sutiã, que começou a ser usado no período. Mesmo nos anos seguintes ao final da Primeira Guerra, as roupas confortáveis continuaram em uso e essa era principal característica procurada na escolha de um *corset*, deixando de lado o controle restritivo da forma (WAUGH, 1954, p.93).

Ilustração 6: Desenho de um estilo de espartilho durante a Primeira Guerra Mundial, 1917.



Fonte: Seleshanko, 2012, p. 21.

O desaparecimento gradual do espartilho está intimamente ligado a herança da guerra. As mulheres haviam se acostumado a uma nova liberdade de movimentos, conduzindo a história para um novo tipo de silhueta na década de 20, no qual a figura desejada era sem marcação na cintura, principalmente entre as mulheres jovens. Nessa década, o espartilho se tornou apenas um cinto elástico quase sem forma que marcasse a cintura ou evidenciasse os seios,

variando de apoios abdominais a cintas leves com ou sem ossos, eles foram bem aceitos devido a movimentação que proporcionavam (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1992, p.190).

Ainda em 1920, o sutiã tinha como objetivo achatar o busto e eliminar as curvas corporais. A necessidade de uma peça que atendesse esse novo padrão fez com que rapidamente surgisse o *corselette* (Ilustração 7), que era uma combinação do espartilho com sutiã e funcionava empurrando os seios e quadris para alcançar um nivelamento uniforme do corpo. Um aspecto importante que possibilitou essas mudanças, foi a cultura do século XX que pregava o exercício físico, possibilitando uma nova ideia de que o corpo feminino tinha músculos para se autossustentar. (WAUGH, 1954, p.94).

Ilustração 7: Ilustração de um *Corselette*, na década de 20.



Fonte: Witness2fashion, 2014.

Foi nessa época que designers com Coco Chanel e Paul Poiret proclamaram o fim do espartilho como uma forma de libertar as mulheres da peça opressora, mas a realidade foi a troca de um modelador corporal por outros que, mesmo sendo menos restritivos, ainda criavam um corpo ideal seguindo um

padrão vigente. O espartilho não desapareceu de forma simples, mas se transformou com as novas facetas da moda: a remodelagem dos corpos veio através dos *corselettes*, cintas, sutiãs, dietas até chegar nas cirurgias plásticas. O *corset* com sua ossatura pesada foi substituído pelo corpo rígido, em outras formas.

No final da década de 30, o espartilho foi novamente adotado numa versão mais leve, porém, veio a Segunda Guerra Mundial que os colocou novamente em esquecimento (STEELE, 2005). No pós-guerra a peça voltou com um breve ressurgimento, mas foi apenas em 1947 que Christian Dior retoma o *corset* com o “*New Look*” (Ilustração 8), se baseando nas modelagens de 1860, com cinturas apertadas, saias amplas, quadris acentuados e blusas estruturadas. Essa moda veio como uma nostalgia as décadas “seguras” do pré-guerras, por isso a volta da ostentação e do luxo contrastando com a simplicidade e escassez anteriores, fazendo surgir nesse contexto o “*waspie*”, que era uma versão mini de um espartilho vitoriano, e no “relançamento” da silhueta *new look*. Alguns grupos feministas foram contrários e inclusive participaram de manifestações (LAVER, 1989; SELESHANKO, 2012).

Ilustração 8: *New Look*, 1947 e o *corset* “*Waspie*” de Dior, com a volta do espartilho.



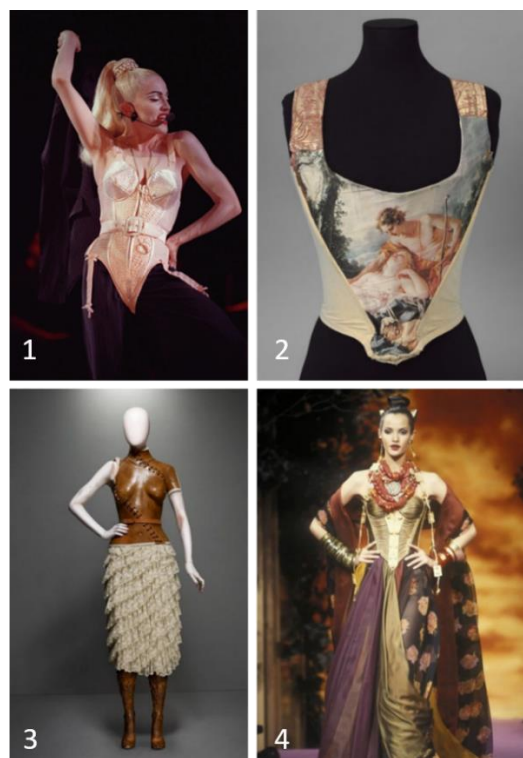
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Durante os anos 50, os designers reintroduziram as cintas e o ideal de curvas femininas. Nas décadas de 60 e 70 houve uma exaltação da juventude e

exposição dos corpos, mesmo com o espartilho não sendo mais usado, a sociedade encontrou novas formas de alterar a silhueta feminina através das dietas e dos exercícios, que entraram na moda e foram essenciais na estética da época (STEELE, 2005). O controle dos corpos e a imposição de um padrão de beleza continuou mesmo sem o *corset*, só se adaptaram a realidade material presente.

Em 1980, vários estilistas de vanguarda inspirados por subculturas fetichistas trouxeram o espartilho de volta, só que dessa vez usado por cima da roupa como forma de demarcar um estilo próprio. Vivienne Westwood e Jean-Paul Gaultier foram nomes chaves nesse processo. Posteriormente vieram outros como Christian Lacroix, Alexander McQueen e Donatella Versace que marcaram tanto a década de 1990 quanto o início dos anos 2000 (Ilustração 9), com peças trazendo alusão estética ao *corset* antigo, normalmente em modelos de zíper e não com a estrutura histórica (STEELE, 2005).

Ilustração 9: Novas versões do *corset* por estilistas. 1- Espartilho de Jean-Paul Gaultier para a Madonna na turnê “Blond Ambition”, 1990; 2- Vivienne Westwood, 1990; 3-Alexander McQueen, 1999; 4- Christian Lacroix, 1992.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Havia também as versões mais acessíveis usadas como roupas de clube, shows e casas noturnas, para performistas e outros grupos de estilos alternativos que o adotaram inspirados em estéticas e estilistas diversos, sendo usado tanto por homens quanto por mulheres nesses meios (STEELE,2005). Os espartilhos ainda aparecem na moda também como roupas para a noite, vestidos de noiva, roupas íntimas sexy e nos tapetes vermelhos em celebridades, em um contexto de luxo e ostentação da forma (SELESHANKO, 2012, p.8).

Atualmente, o *corset* ainda é utilizado em condições similares de roupas de famosos, ocasiões especiais e de grupos alternativos. A prática de *tight-lacing* é feita por pequenos grupos, que a aprimoraram e usaram a medicina a seu favor, tendo relatos de pessoas que usam o *corset* como método de correção ortopédica, como afirmação de gênero, de empoderamento dos corpos, como estética pessoal e diversas outras funções que ele desempenha no mundo atual. Neste capítulo, foi possível traçar uma linha do tempo resumida (Ilustração 10) do *corset* e suas permanências e rupturas ao longo da história.

Ilustração 10: Linha do tempo do espartilho

LINHA DO TEMPO: CORSET

Século XVI - XVII Par de Corpetes

No século XVI e ao longo do XVII, o *corset* começou a ser popularizado e era chamado de par de corpetes, sendo uma forma de diferenciação social.



Revolução Francesa e Pós Revolução Modelos Leves

No século final do XVIII e início do XIX, com a revolução, a associação com elementos da nobreza eram malvistas, e os espartilhos foram substituídos por bandas simples, modelos leves ou até abandonados.



Primeira Guerra Mundial XX Modelos Leves

Com a escassez da guerra, modelos simples e leves começaram a aparecer, dando preferência ao conforto e mobilidade, tirando o caráter restritivo.



1947

Dior – New look / “Waspie”

Na década de 40, Dior veio resgatando as silhuetas dos séculos anteriores, antes da guerra, com a volta do espartilho, dessa vez denominado Waspie.



Século XVIII Stays

Chamado de stays, o espartilho dessa época criava a forma de um cone invertido, levantando os seios, dando suporte as roupas, suavidade de perfil e firmeza no contorno.



Século XIX Corset Vitoriano

Os corsets vitorianos, com silhueta em X e, na virada do século, em forma de S estavam no seu auge na época. Foi um período de duras críticas a peça e que surgiram vários modelos e tipos de espartilho.



1920 Corselette

A silhueta buscada era a mais informe possível, surgindo o corselette para uniformizar o corpo, um grande sucesso entre as mulheres mais jovens.



1980 - 90 Estilistas

A partir da década de 80, estilistas vanguarda inspirados em subculturas fetichistas trouxeram o espartilho de volta como forma de objeto decorativo. Sem a estrutura histórica.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Portanto, analisando sua história e percorrendo os significados de cada época, fica claro que o espartilho não foi uma experiência retilínea e monótona, sua existência se deu com altos e baixos na construção da criação de um corpo cultural, projetado para se adequar a estética de uma época. Perpassando por debates de seus mitos históricos, científicos, corporais e de gênero, e só com a junção dessas características pode-se entender de forma mais completa essa peça tão controversa que até hoje é usada de diferentes formas e com diferentes significados.

2. Novas Narrativas: Imersão histórica-médica

As condições histórico-materiais do *corset* são, em um primeiro momento, vindas de uma narrativa hegemônica da peça. Atualmente, nossas percepções ainda estão atreladas aos pensamentos do século XIX e do discurso dos espartilhos serem prejudiciais à saúde da usuária e de sua natureza opressora, restritiva e anormal. É nesse espaço de discussão que vários mitos foram instaurados, alguns permanecendo até os dias atuais no imaginário comum e reforçados por sensacionalismo midiático.

Dessa forma, uma análise desses fatos a fim de perceber detalhes históricos sobre as reais proporções e usos do *corset* se fazem necessárias, através do estudo do pensamento e contexto da época, das propagandas e anúncios em jornais referentes ao espartilho, e se esses elementos confirmam ou não os pré-conceitos existentes. Por isso, os estudos posteriores devem ser investigados junto a esses materiais de época, para trazer um contraponto com as informações atuais que temos da história e da categoria médica/científica e ergonômica do espartilho, podendo assim, criar um juízo crítico da peça e entender suas diferentes interpretações.

2.1 Os primeiros mitos: A história em perspectiva

Em uma análise histórica é possível se ter diversas abordagens sobre o *corset* e sua relevância, nesse projeto se faz necessário estudar o que essa peça significou na história do vestuário. As mulheres usaram o espartilho por aproximadamente 400 anos, e durante esse período, o status social, a beleza feminina e respeitabilidade se fizeram mais importantes que as limitações impostas pela peça. Esse grande espaço de tempo de seu uso mostra a grandiosidade e complexidade que devemos tratá-lo, como uma roupa que se estendeu de formas plurais.

Desde seu surgimento, o espartilho era um símbolo de *status* que, por restringir a mobilidade física, mostrava que a pessoa podia pagar por criados para se vestir, e que, portanto, era de uma classe nobre. Essa relação continuou, e a peça foi associada ao ócio e falta de mobilidade da nobreza, em que as

mulheres não necessitavam trabalhar por sua alta posição social. Desta maneira, é difícil imaginar que mulheres de classes mais baixas também usavam a peça, mas a realidade material mostra que, principalmente no século XIX, as mulheres da classe trabalhadora utilizavam o *corset* em seu cotidiano (Ilustração 11): o espartilho então, mesmo sendo restritivo, não impedia as mulheres de trabalhar (FERNANDES, 2010).

Ilustração 11: Foto de mulheres trabalhando com o uso de *corsets*.



Fonte: Quora, 2016.

Esse é um dos maiores mitos em torno da peça, se ela era realmente tão restritiva, como era usada por todas as classes sociais? Para se analisar essa conjuntura é preciso ter em mente as diferentes imposições sobre as mulheres: enquanto as da nobreza e burguesia eram as senhoras do lar, no qual o trabalho remunerado não era visto como “feminino”, para as operárias existia um “prolongamento de seu papel feminino natural” no qual era permitido o trabalho, normalmente ligado a tarefas domésticas (FERNANDES, 2010, p.18).

Essas diferenças influenciam diretamente no vestuário das classes, e consequentemente no uso do *corset*. Fazia parte da moralidade e respeitabilidade da mulher sair devidamente espartilhada, e para as classes altas o uso da peça reafirmava sua posição social, com os contornos apropriados. Já para as trabalhadoras, o corpo espartilhado melhorava sua aparência para

aumentar as chances de um bom casamento, ajudando a ofuscar sua origem. Quanto ao tipo de espartilho, a classe trabalhadora podia usar os *jumps* ou os *demi-corsets* (Ilustração 12), modelos mais leves que facilitavam a mobilidade no trabalho, e como para ela a moralidade era menos vigiada, existia essa possibilidade de afrouxamento de laços e de vestimenta. (FERNANDES, 2010, p.18).

Ilustração 12: Foto de um *Jump*, Inglaterra, ca. 1745, acolchoado em seda e tramado com fita e trança de seda de gorgorão, com tela desossada, Victoria & Albert Museum. Modelo menos restritivo e sem ossos.



Fonte: The Dreamstress, 2013.

Durante o século XIX, havia publicações que ensinavam detalhadamente como fazer o próprio espartilho para mulheres que não conseguissem comprar os confeccionados por profissionais. Dessa forma, os vestuários das classes se diferiam no preço e no material, não no desenho devido as modelagens prontas que garantiam a fidelidade da forma para uma peça caseira. O modo que o espartilho era usado também era um indicativo dos papéis sociais, quanto mais apertado o laço menos a mobilidade, sendo uma das principais características de diferenciação, por isso os *jumps* eram usados predominantemente pelas mulheres trabalhadoras. É importante ressaltar que o espartilho manteve seu valor de prestígio mesmo depois que as classes baixas adotarem as versões baratas e prontas, pois ainda havia as diferenciações de material e estéticas do laço apertado (FERNANDES, 2010, p.19).

Nessa dualidade de espartilho afrouxado *versus* espartilho apertado, encontramos uma expectativa social de um formato “correto” do uso, em que o *corset* adequado fornecia a silhueta esperada da época. A cintura afrouxada não alcançava a figura ideal, sendo vista como negligência da mulher, enquanto com laço apertado ao extremo, havia o julgamento de ser um cultivo extremo da aparência, associado ao fetichismo e era vulgarizado pelos homens da época, que faziam sátiras com o vestuário feminino – ver ilustração 13 (JARDIM, 2014, p.22). A mulher, principalmente as das classes mais altas, se encontrava em uma posição de precisar manter sua aparência social, mas ao mesmo tempo contornar as críticas do vestuário. Era inaceitável estar despartilhada, e tão inaceitável quanto nutrir os desejos fúteis de um *tight-lacing* extremo.

Ilustração 13: “A correct view of the new machine for winding up the Ladies.” (Uma visão correta da nova máquina para enrolar as mulheres, Tradução Nossa) Este desenho animado de William Heath é uma paródia da moda para cinturas bem apertadas e mangas extremamente acolchoadas, c. 1829.



Fonte: Corsets and Codpieces, 2015.

O espartilho fazia parte da formação de identidade da mulher burguesa, e consequentemente do imaginário ideal feminino, sendo possível entender como o *corset* participou da construção do conceito de feminilidade como uma peça essencial para discutir a construção do vestuário da mulher ocidental, por estar associado ao poder monetário e não a nobreza herdada. Ele, ao mesmo tempo que estava em condição de roupa íntima, ligado ao imaginário sexual e ao ato

de se despir, também trazia o parâmetro de respeitabilidade, de controle do corpo e de expressão, há, portanto, um paradoxo de interesses entre o íntimo e o social, o que torna a peça tão complexa em seus significados e interpretações.

Para os historiadores do vestuário, existiram algumas histórias que trouxeram dúvidas e discussões quanto ao real uso do *corset*, a primeira delas se deu durante o Renascimento, cerca de 1580 a 1600, no qual existiam referências aos “espartilhos de ferro” (Ilustração 14), que eram semelhantes a armaduras com buracos e que assustava os visitantes de museus com sua forma rígida, parecendo um instrumento de tortura. Contudo, não há evidências que tais peças tenham sido usadas pelas mulheres como espartilhos, o que se sabe hoje é que eles eram instrumentos ortopédicos para corrigir deformidades da coluna vertebral, e que geralmente as peças que vemos atualmente são reproduções fantasiosas feitas posteriormente, sendo apenas falsificações modernas, normalmente do final do século XIX ou início do século XX (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1992, p.41).

Ilustração 14: Foto de um espartilho de ferro, Europa, supostamente c. 1580-1600 (mas provavelmente falsificação do final do século 19 ou início do século 20).



Fonte: Google Arts & Culture, 2000.

Outra controvérsia do espartilho está ligada aos laços extremamente apertados: o *tight-lacing*. Na segunda metade do século XIX havia periódicos ingleses como o *The Englishwoman's Domestic Magazine* – EDM (A Revista Doméstica da Mulher Inglesa – tradução nossa), que publicaram cartas em um tom pronunciadamente masoquistas relatando cinturas de quinze polegadas (aproximadamente 38 cm) ou menos, porém, Steele (2005) afirma que essas correspondências não podem ser levadas como fatos, uma vez que existem evidências que a maioria representava fantasias sexuais ao invés de descrições de experiências reais, e que essas práticas não refletiam a mulher vitoriana média, mesmo que esses números possam aparecer em práticas de dramatização e subculturas fetichistas da época. A utilização dessas publicações como verdades do período tem sido ingênua e perpetuadas por alguns historiadores do vestuário, que aceitam sem críticas o número bizarro de *tight-lacing* na EDM como evidência da difundida tortura com espartilhos (STEELE, 1997).

Doris Langley Moore, uma das primeiras grandes historiadoras da moda feminina e fundadora do Fashion Museum, Bath, tinha uma abordagem de estudos prática baseada em objetos e, em 1949, ela desmentiu o mito da cintura de quinze polegadas em um estudo de medição de mais de 200 vestidos e *corsets* sobreviventes da época vitoriana, revelando que a medida de cintura média do século XIX era confortavelmente na faixa de 20-30 polegadas (50,8 – 76,2 cm) e que quase nenhuma das peças tinha uma medida inferior a 21 polegadas (53,3 cm), mesmo quando completamente fechados sobre o corpo, mas o uso comum deixava um espaço aberto de uma ou duas polegadas (2,5 a 5 cm) nas costas. (SELESHANKO, 2012, p.7).

Os espartilhos anunciados em propagandas da época tinham medidas de 18 a 30 polegadas (45 - 76 cm), e havia os mais largos de 31 a 36 polegadas (79 a 91 cm), alguns anúncios chegavam a medidas de 37 polegadas (94 cm) ou mais (Ilustração 15). Raras eram as propagandas que citavam espartilhos com menos de 46 centímetros. Houve um anúncio de “espartilhos para cinturas muito finas” que ia de 38 até 66 centímetros, no qual Steele considera terem sido dirigidos a praticantes do *tight-lacing*, segundo ela “As minúsculas cinturas

mencionadas em fontes como EDM não eram de forma alguma típicas das mulheres vitorianas.” (STEELE, 1997, p.66).

Ilustração 15: Anúncios dos espartilhos no século XIX. Os tamanhos disponíveis (em laranja) da primeira imagem são de 18 a 30 polegadas e na segunda de 18 a 36.

The image contains two historical advertisements for corsets. The left advertisement is for "GIVEN FREE WITH DR. SCOTT'S ELECTRIC CORSET." It features an illustration of a corset and a pair of hose supporters. The text describes the corset as a "New Summer" model, made of extra strong and fine quality Nottingham net of double thickness, and is priced at \$1.50. A size range of "18 to 30 inches White" is highlighted in orange. The right advertisement is for "Ladies' Featherbone Waist" by "FEATHERBONE CORSET CO." It features an illustration of a corset and a pair of hose supporters. The text describes the corset as "Extra Quality Sateens. Very Popular. Patent Forms give free expansion. Combines Style with Comfort. Recommended by Physicians." and is priced at \$1.00. A size range of "18 to 36" is highlighted in orange. Both advertisements mention "KALAMAZOO, MICHIGAN."

Fonte: Elaborado pelo autor. Seleshanko, 2012.

Fazer uma comparação com os corpos atuais seria anacronismo, considerando as diferenças de estilo de vida, espaço e tempo entre eles, mas para fins didáticos de conhecimento, o trabalho irá pontuar alguns números atuais utilizados para os corpos brasileiros do século XXI, sem o intuito de comparação com os corpos vitorianos. A tabela de medidas femininas proposta pelo livro Modelagem Plana Feminina de Fulco (2013) que vai do 36 ao 44 possui, no menor tamanho 60 cm de cintura e no maior 76 cm, em mulheres “despartilhadas”, não havendo uma grande discrepância do tamanho médio em relação aos vistos anteriormente.

Sobre a prática do *tight-lacing* na época vitoriana, não há uma unanimidade sobre seu uso, segundo Fernandes (2010), existe uma discussão bibliográfica a respeito do seu número de praticantes: enquanto Steele argumenta que a prática estava restrita aos fetichistas e as poucas mulheres que tomavam medidas extremas para perder peso, outra referência na área, Leigh Summers, afirma que a maioria das mulheres aderiram a técnica para se enquadrar no padrão de beleza vitoriano. Entretanto, como Steele afirma em seu livro Fetiche: Moda, Sexo & Poder, há um desencontro material tanto nos anúncios de propagandas com os tamanhos de espartilho, tanto das

circunferências das próprias peças que sobreviveram, com esses relatos de jornais que muitos historiadores levam como referência principal para se referir a quantidade de praticantes. Deste modo, ela afirma que as cinturas exageradas feitas com o *tight-lacing* eram raras e não representavam o padrão da mulher vitoriana, o que também foi visto no estudo de Langley.

Em outras fontes, é possível perceber claramente a relação de periódicos como o *The Englishwoman's Domestic Magazine* e o fetiche e erotismo do *corset*, confirmando o que Steele fala de não poder considerar a infame “correspondência do espartilho” como uma descrição fidedigna das vestimentas, nas cartas havia relatos como

E um entusiasta declara: “Todos devem admitir que uma cintura fina é uma grande aquisição; o chamado mal do *tight-lacing* é muito hipócrita. Para mim, a sensação é soberba, e nunca fico mais orgulhoso do que quando examino as ondulações fascinantes que a Arte proporciona à Natureza.” Pelo que parece que o espartilho tinha encantos de Narciso. E quando outros correspondentes admitem, um pouco ingenuamente, que o “laço apertado produz sensações deliciosas, metade prazer, metade dor”, era obviamente um instrumento de autoerotismo (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1992, p.126, tradução nossa).

Porém, afirmar que a prática do *tight-lacing* não era a representação da mulher vitoriana, não quer dizer que não houve exageros e figuras com cinturas extremamente finas de 40 centímetros, até os dias de hoje existem pessoas que conseguem medidas menores do que essa, mas são casos raros que não constituem a verdade hegemônica dos corpos nem do século XIX nem dos dias atuais. Outro fator que reforça essa tese é que, como dito no início do capítulo, o *tight-lacing* extremo era malvisto, sendo uma anomalia, anti-higiênico e associado ao fetichismo e doenças psiquiátricas como histeria. Os usuários dessa prática também eram acusados de aborto e infanticídio em um período conservador e puritano, esse exagero era satirizado pela sociedade e não um padrão vigente. Em seu livro *Fashion & Fetishism*, David Kunzle (2006) conclui que as *tight-lacers* eram uma espécie de bode expiatório da Era Vitoriana, assim como as bruxas o eram na Idade Média, e as prostitutas sempre o serão (apud JARDIM, 2014).

Atrelado a prática do *tight-lacing*, quando se fala desse período, não é incomum encontrar alegações de que algumas mulheres removeram suas costelas inferiores cirurgicamente para conseguir uma cintura com medidas menores com o objetivo de se enquadrar em um padrão de beleza. Entretanto, na realidade, não há nenhuma evidência de que alguma mulher vitoriana tenha realizado esse procedimento (STEELE, 2005), e que mesmo sem as provas parece improvável que a medicina, ainda experimental, do século XIX fosse capaz de realizar algo desse nível com segurança e regularidade, ainda mais se tratando de uma alteração puramente estética e condenada pela maioria dos médicos do período.

Mas então, se esses fatores ligados ao extremismo do espartilho são mitos ou exageros, como se explica as usuais pinturas e fotografias das mulheres da época que aparentam ter medidas extremamente pequenas? De fato, não é difícil encontrar cinturas que visualmente tem menos de 40 centímetros em fotos e imagens (Ilustração 16), mas existem alguns fatores a se considerar quando levamos em conta alguns aspectos materiais, o primeiro deles é a proporção e ilusão que as roupas são capazes de fazer. As mulheres constantemente na história fazem uso da roupa de baixo para acentuar características físicas, ou até recriá-las (PIRANI, 2016, p.51).

Ilustração 16: Exemplos de fotos das mulheres vitorianas com medidas de cintura muito pequenas.



Fonte: Redthreaded, 2016.

A relação entre as peças de roupas e o impacto visual delas em conjunto traz diferentes percepções do que quando analisadas separadamente, e a

mulher vitoriana sabia usar os artifícios de volume e não-volume para explorar suas curvas e silhuetas. Segundo Fernandes (2010), na metade do século XIX, o vestuário feminino pesava entre cinco e quinze quilos, contendo o espartilho, camadas de corpetes, três ou mais anáguas, armação de saia ou crinolina, vestido comprido e os demais acessórios do período. Assim, o espartilho, apertado, ficava entre figuras como a crinolina, enchimentos e mangas que ampliavam e davam volume a outras partes do corpo, fazendo com que a figura final se pareça com uma cintura mais fina por comparação a outros grandiosos elementos (Ilustração 17).

Ilustração 17: Gravura de duas mulheres em 1894, mostrando a proporção das mangas e saias em comparação com a cintura.



Fonte: Pirani, 2016.

Não é por acaso que, durante a adoção da crinolina, que trazia grandes volumes na região da saia, o espartilho perdeu seu protagonismo, tendo suas funções ofuscadas. Nesse período o *tight-lacing* diminuiu e os espartilhos foram afrouxados, como destacamos no capítulo 1. Logo quando as saias voltaram a encolher o *corset* voltou de forma redobrada, mostrando a ligação entre os elementos do vestuário em proporção e ilusões (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1992, p.126).

No início da década de 1850, a saia tinha se tornado tão vasta em dimensões que, em comparação, qualquer cintura parecia pequena, e muitas mulheres jovens da moda não se preocupavam mais em usar espartilhos. Essa característica

particular de atração parecia sem importância em contraste com a necessidade imperiosa de expandir ainda mais o símbolo social da saia enorme (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1992, p.111, tradução nossa).

O uso de “enchimentos” também era normal para dar volume estratégico nos quadris. Eram usadas as anquinhas, que variaram muito em forma e tamanho, mas tinham o papel de projetar para fora a saia na parte traseira da cintura. Havia também enchimentos artificiais para o busto chamados de *bust improver*, fazendo os seios parecerem maiores, além das *sleeve pads*, que eram almofadas de mangas, usadas para estender a linha do ombro e realçar o formato popular do período, eram demasiadamente pregueadas para criar volume, sendo presas ao vestido por tiras de tecido (Ilustração 18). As mangas enormes ajudavam a criar a ilusão de uma cintura mais fina (PIRANI, 2016, p.63).

Ilustração 18: *Sleeve Pads* de algodão (1), modelos de anquinha, elas existiam de diversas formas e volumes dependendo do período (2) e um *bust improver*, que também variava de modelo e tamanho (3).



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Além das mulheres usarem a proporção das roupas para beneficiar suas silhuetas, as fotos vitorianas também contavam com um artifício bem

documentado, mas pouco conhecido: o retoque. O retoque existe há quase tanto tempo quando a fotografia em si, e havia diversos manuais e guias, como o *The art of retouching and improving negatives and prints* (A arte de retocar e melhorar negativos e impressões, tradução nossa), com técnicas de como utilizar as ferramentas e as melhores estratégias para essa prática, que foi amplamente difundida a partir da segunda metade do século XIX. Essa edição era feita no negativo, onde ele podia ser raspado, desenhado e pintado para se ter a alteração necessária, era normal a suavização da pele, dos ângulos do corpo, remoção de manchas e de quaisquer imperfeições. O retocador modelava, de forma geral, o rosto e o corpo do modelo (SEARS, 2016).

A edição de fotos era um trabalho delicado, e o emprego mais frequente da lâmina usada para o retoque era reduzir a linha da cintura das mulheres, buscando um corpo ligado ao padrão vigente da época. As cinturas normalmente eram posicionadas estrategicamente na frente de fundos lisos e escuros, facilitando o fotógrafo de alterar a forma do corpo e seu tamanho, como pode ser visto na ilustração 19 (REDTHREADED, 2017). Assim, é possível e provável que muitas das fotos que vemos das cinturas do período sejam editadas para parecerem menores do que realmente eram, o que ajuda a explicar a perpetuação dos mitos vistos até então, e a confirmar a tese de que as cinturas vitorianas não eram, de forma geral, exageradamente finas.

Ilustração 19: "Reduzindo o tamanho de assuntos robustos." As imagens mostram a edição de fotografia no século XIX para suavizar marcas no rosto e afinar a cintura.



Fonte: Mental Floss, 2016.

Portanto, a fotografia, embora importante, não pode ser vista como uma fonte de referência absoluta. Segundo o fotógrafo americano Arnold Newman

(apud Silva 2016), a “fotografia, como sabemos, não é real. É uma ilusão da realidade com a qual criamos nosso próprio mundo”, e paradoxalmente, ela também cria uma verdade alcançada por poucos. Dessa forma, ela não pode ser entendida sem levar em consideração seu processo de construção e contexto histórico, pois há uma narrativa por trás, podendo haver adulteração, edição e outras manipulações em sua tentativa de representar o real (SILVA, 2016).

O mesmo pode ser dito das imagens e pinturas, que muitas vezes eram reformuladas para se encaixar ao padrão de beleza vigente, principalmente na indumentária e nos corpos que eram altamente idealizados. A imagem e a fotografia, apesar de serem importantes documentos, devem ser interpretadas criticamente, assim como os textos. Por isso, as ilustrações de cinturas extremamente finas não passam de romantização, idealização e estilização do vestuário e da mulher durante os séculos, não necessariamente sendo uma representação fidedigna da realidade, o que nos pode trazer reflexões acerca de sua utilização para perpetuar os mitos do laço apertado (SILVA, 2016).

Logo, é possível repensar através dos dados levantados que o espartilho é muito mais complexo do que se faz parecer inicialmente, e que muitos de seus estigmas históricos não vingam. Viu-se que as fontes de pesquisa devem ser questionadas e trabalhadas em conjunto para uma melhor análise do vestuário, a fim de se criar verdades plurais que relacionam a teoria com os objetos de pesquisa. Há, portanto, uma necessidade de se discutir o *corset* e sua história através de outro ponto de vista para se ter uma compreensão melhor dos mitos e verdades da peça, que foram discutidos ao longo dos capítulos, é preciso, então, analisar a narrativa médico-científica e ergonômica.

2.2 Os questionamentos médicos-científicos

Como apresentado anteriormente, o espartilho foi culpabilizado por diversas doenças e adversidades na saúde física e mental da mulher. Essa perspectiva vem de uma série de publicações médicas durante o século XIX que construíram o que seriam provas desse fenômeno, relatando o mal do *corset*, principalmente do *tight-lacing*, e o culpando desde problemas como simples

dores de cabeça até o óbito da usuária. Luke Limner, famoso crítico ao espartilho, listou noventa e sete doenças produzidas por “*stays* e *corsets*” de acordo com o “testemunho de médicos eminentes”, que incluem

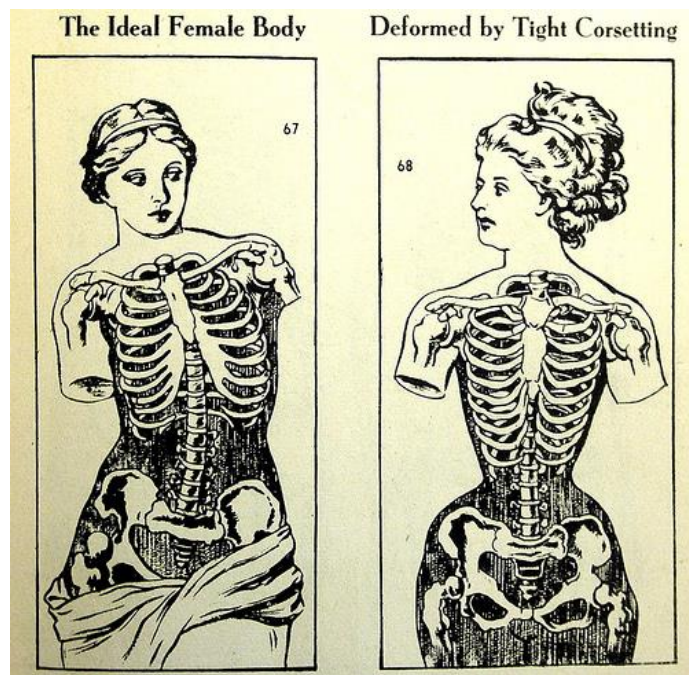
[...] apoplexia, asma, clorose, tuberculose, tosse, doenças renais, deslocamento dos ossos do tórax, problemas de circulação, perturbação das funções do diafragma, hidropisia do ventre, epilepsia, desmaios, hemorroidas, hérnia da bexiga, corcunda, histeria, impedimento à ação dos pulmões, impedimento da ação do coração, incapacidade de mamar em consequência de pressão nas mamas, inclinação da boca do útero em direção ao sacro, inflamação do fígado, leucorreia, perda de apetite, abscessos pulmonares, melancolia, abortos espontâneos, dores de estômago, parto prematuro, tumores nas glândulas mamárias e, em última análise, câncer, feridas no peito, esterilidade, pés inchados, crianças feias, crianças doentes, falta de energia e enfraquecimento do tórax (STEELE, 2001, p.67, tradução nossa).

Atualmente se sabe que os espartilhos, muito provavelmente, não causaram a maioria dessas doenças e distúrbios, porém, eles podem ter agravado e causado alguns problemas de saúde. Steele (2001), contou com a ajuda da cardiologista Dra. Lynn Kutsche, para criar uma metodologia e um extensivo estudo de análise sobre os efeitos reais do espartilho no corpo, mostrando o quanto o assunto ainda é uma discussão atual, sendo pesquisado e revisado por médicos, historiadores, *corsetieres* (um termo para as pessoas que fazem ou ajustam o espartilho, tradução nossa) e curiosos a fim de aprimorar o conhecimento da peça, ainda tão controversa.

Havia uma conexão na literatura médica entre a saúde delicada das mulheres e o uso do espartilho (SELESHANKO, 2012), e um dos primeiros argumentos contra o *corset* se dá na mudança estrutural dos órgãos internos e esqueletos sobre seu uso. De fato, a aplicação contínua do espartilho podia causar deformações permanentes nas costelas. Um espartilho apertado pressiona as costelas de forma significativa para dentro e as projeta para cima, alterando a posição dos órgãos internos (Ilustração 20). Esse fato ocorria principalmente pela peça ser usada desde a infância, quando as costelas ainda são maleáveis. Segundo Steele (2001), essa mudança pode ter sido mais comum no século XVIII, quando as crianças usavam o mesmo modelo de

espartilho que os adultos em uma versão miniatura; já no século XIX, os espartilhos infantis eram projetados para seguir a forma dos corpos dos jovens.

Ilustração 20: Imagem comparativa da Vênus de Milo, corpo despartilhado e um alterado pelo *corset*. Ilustração do século XIX, sem comprovação, no qual eram frequentes as comparações do corpo da Vênus (universal e belo) com a da mulher espartilhada (deformado e exagerado).



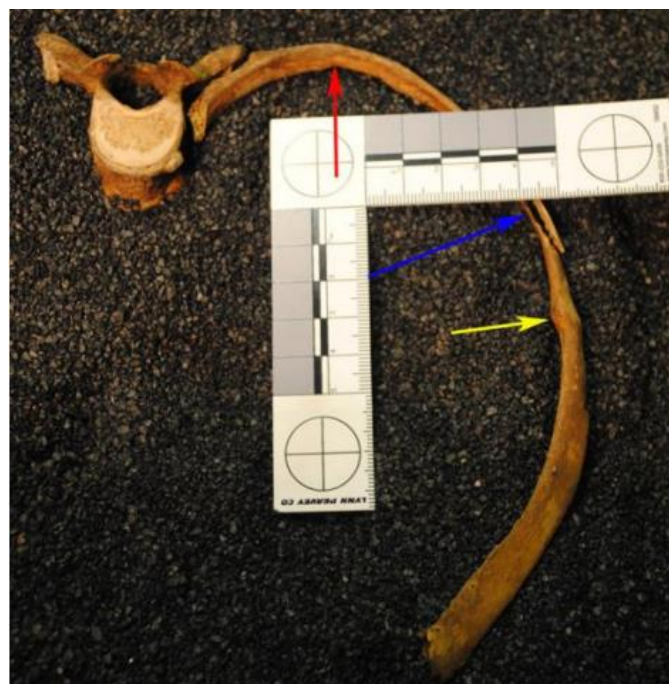
Fonte: Lucy Corsetry, 2015.

Hoje, é entendido que se um adulto começar a usar *corset* as costelas se movem apenas temporariamente, porém ainda é possível obter esses resultados de forma segura com o *tight-lacing* e o uso contínuo. A problemática da questão é que deformidades nas costelas têm uma variedade de causas e não podem ser simplesmente atribuídas ao espartilho: indivíduos com problemas ósseos pré-existentes como raquitismo, doença endêmica no século XIX, tem um risco maior de costelas distorcidas (STEELE, 2001).

Em 2015, foi realizado um estudo antropológico por Rebecca Gibson que analisou esqueletos de mulheres da Inglaterra e França entre 1700 e 1900 com o objetivo de encontrar uma correlação entre a morfologia esquelética e a expectativa de vida. Seu projeto mostrou que havia uma deformação plástica na caixa torácica que a tornava mais circular em comparação com uma moderna (Ilustração 21), que normalmente tem um alargamento oval, além de algumas outras pequenas alterações. Contudo, essas deformações não foram

correlacionadas com uma expectativa de vida mais curta das usuárias e, pelo contrário, os indivíduos alcançaram ou excederam sua expectativa de vida da época. Gibson levou em consideração os outros fatores que poderiam ter levados essas costelas a serem alteradas e teve que compará-las com as características de um espartilho usado desde adolescência, com os ossos ainda maleáveis, mas não deixou de ter a mesma conclusão: a deformação causada pelo espartilho não afeta a expectativa de vida (GIBSON, 2015; WILLIAMS, 2015).

Ilustração 21: Foto mostrando a faceta da quinta vértebra torácica e a costela esquerda, apontando um formato mais circular. A Flecha Vermelha indica deformação plástica observável da curvatura da costela. Flecha azul indica quebra pós-morte. A flecha amarela indica quebra antes da morte.



Fonte: Gibson, 2015.

É importante ressaltar que nem todas as jovens tinham acesso a um espartilho da moda, com os devidos ajustes, isso somado a plasticidade das costelas pela idade, a desnutrição, falta de vitamina D e outras doenças, faziam com que fosse possível essa deformação ser maior e, como dito anteriormente, muito mais difícil para um adulto saudável atualmente sofrer tais alterações. É fundamental notar que essas críticas eram feitas exclusivamente para as mulheres, embora a “deformidade” do corpo fosse praticada por ambos os sexos desde cedo. Só que não há pesquisas dessas variações nos esqueletos masculinos por quaisquer motivos, lembrando que a peça espartilho também era

usada por homens, mesmo que com outras particularidades. Gibson (2015), também apontou que a imagem satírica das mulheres se segurando fortemente em uma coluna, enquanto a criada puxava o laço com toda a força, era falsa. Os espartilhos que ela analisou mostram o contrário: que foram bem usados e manuseados com cuidado, sendo pouco provável que fossem puxados mais apertados do que as armações permitiam.

Outra questão da deformidade dos esqueletos é a escoliose, que os médicos alegavam ser um problema do espartilho, mas o que se sabe hoje é que eles não causavam essa condição, pelo contrário, provavelmente ajudavam, e ainda hoje os tratamentos de curvatura da coluna contam com coletes médicos (Ilustração 22). Esse pensamento provavelmente vem de uma maior ocorrência da doença em mulheres, porém, a escoliose é seis a oito vezes mais comum nelas do que em homens mesmo sem a peça. A curto prazo, o espartilho ajuda a apoiar as costas e aliviar dores na área, mas usado continuamente pode enfraquecer os músculos e causar atrofia muscular, por isso é sempre recomendado que os usuários regulares de *corsets* façam uma rotina de exercícios de fortalecimento do tronco, realizadas sem a peça, para evitar esse problema (STEELE, 2001).

Ilustração 22: Comparação entre um colete ortopédico usado hoje em dia para tratamentos de escoliose e um *corset* ortopédico do século XIX para o mesmo fim.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Os órgãos internos, no entanto, são feitos para se moverem em diversas situações que não a do uso do espartilho, o exemplo mais notável é durante a gravidez, que prepara e altera o corpo para o crescimento do feto. Visto isso, é fato de que o uso contínuo do *tight-lacing* pode afetar suas distribuições e funcionamentos, porém não necessariamente isso é algo prejudicial à saúde por si só. Segundo a *The Lancet* em 1868, o jornal médico mais importante da Inglaterra no século XIX, “o laço apertado limita seriamente, na verdade quase aniquila, os movimentos respiratórios do diafragma.” Embora a crítica pareça exagerada, ela não está totalmente errada, há de fato, uma redução na capacidade pulmonar por conta dos *corsets* (STEELE, 2001).

Lucy Williams (2012), bioquímica e *corsetiere*, estudiosa do assunto dedicada em divulgar estudos científicos atuais e o estilo de vida das usuárias do *corset*, aponta em seu site Lucy’s Corsetry, que o espartilho não paralisa completamente o diafragma, ele ainda será capaz de se mover para cima e para baixo, mesmo havendo uma diminuição na respiração na parte inferior dos pulmões. Também aponta que, para compensar a capacidade reduzida, o corpo faz respirações mais intensas e frequentes para manter a quantidade de troca de oxigênio, mesmo assim o uso do *corset* não é adequado para exercícios intensos ou para pessoas que já possuem alguma limitação pulmonar pré-existente.

Em 1998, foi feita uma tese de doutorado pela ex-enfermeira, Collen Ruby Gau, sobre as perspectivas médicas do espartilho, conduzindo experimentos fisiológicos com voluntários que usavam reproduções de espartilhos do século XIX. O estudo revelou que eles tinham a capacidade pulmonar diminuída em aproximadamente 9% de seu volume corrente, com variações de 2% a 20%. Além disso, foi constatado falta de ar em algum nível em todos os usuários, mas era uma condição facilmente aliviada com repouso. Portanto, com os resultados, notou-se que os médicos vitorianos estavam corretos sobre o espartilho diminuir a capacidade pulmonar e causar eventuais dispneias (falta de ar), mas o que foi visto é que essa condição não é, por si, um risco a vida, uma vez que mulheres grávidas e pessoas obesas também tinham limitações parecidas e também

respiravam pela parte superior do diafragma, diferindo então, das teses iniciais (STEELE, 2001).

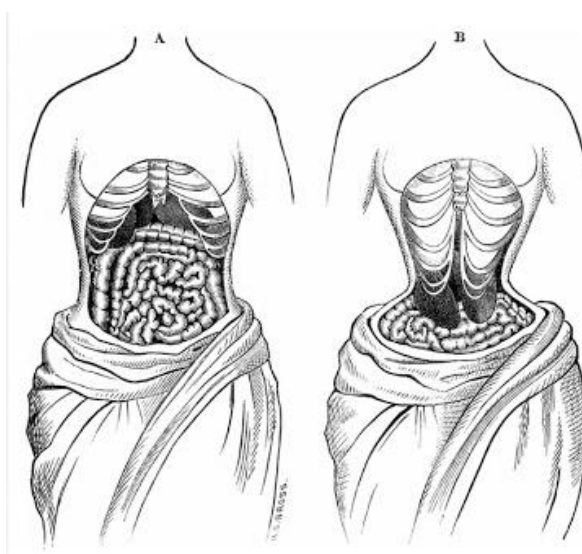
Essa capacidade pulmonar reduzida pode ter agravado outras condições respiratórias, na época se achava que o espartilho era responsável por causar “*consumption*”, que posteriormente foi renomeada como tuberculose, através do atrito da peça entre os pulmões e as costelas. Muitas outras doenças respiratórias foram atribuídas unicamente ao *corset*, deixando de ser explicado o porquê de os homens também contraírem essas doenças. O que se sabe atualmente, é que a fricção do espartilho na pele pode causar lesões, hematomas e irritações, mas também não há evidências de que esse ato causou tuberculose ou câncer de mama, como os médicos afirmavam, além do correto ser sempre utilizar uma camada de tecido (normalmente eram as *chemises*) entre o espartilho e a pele para não causar esses problemas. (STEELE, 2001). De acordo com Williams (2013), o que o *corset* fazia era dificultar a capacidade das mulheres de tossir o escarro e limpar os pulmões para se curarem das doenças, mas não há nenhuma relação conhecida atualmente entre a peça e as infecções respiratórias.

Ainda relacionado a respiração, há uma figura abundantemente retratada em filmes com espartilhos: a mulher desmaiada. Os desmaios relacionados aos *corsets* provavelmente eram reais para os mais apertados, tendo maior chances de acontecer durante atividades físicas, como bailes. Ele era considerado apropriado pelas mulheres da burguesia por prover oportunidades românticas, no qual a mulher se mostra fragilizada e o homem tem um papel de herói ao socorrê-la, reforçando a imagem feminina de uma pessoa debilitada e fraca. Ao mesmo tempo que o desmaio é relacionado ao orgasmo, também tem um ideal romântico e mórbido que se relaciona com a morte, tornando erótica sua encenação, mesmo que causada por falta de ar (FERNANDES, 2010; STEELE, 2001).

Outros órgãos também foram associados aos males do *corset* (Ilustração 23), sendo o fígado um deles. As autópsias mostram, com alguma frequência, sua distorção e aumento, que poderiam ter sido causadas por variantes anatômicas, hepatite, cirrose e outras doenças, mas existia uma predisposição

médica a encontrar evidências e relacioná-las somente ao espartilho. De fato, a peça empurrava o fígado para dentro e para baixo, o alongando e pressionando as costelas contra ele, sendo possível que tenha havido um prejuízo em seu funcionamento, porém, uma pessoa pode perder uma boa parte de sua função hepática sem causar problemas de saúde ou alterar a função fisiológica do órgão (STEELE, 2001).

Ilustração 23: Imagem comparativa do que se achava no século XIX que seria a disposição dos órgãos. A) pretende mostrar a posição natural dos órgãos internos. B) quando deformada por laço apertado de espartilho. Mostra-se que o fígado e o estômago foram forçados para baixo.

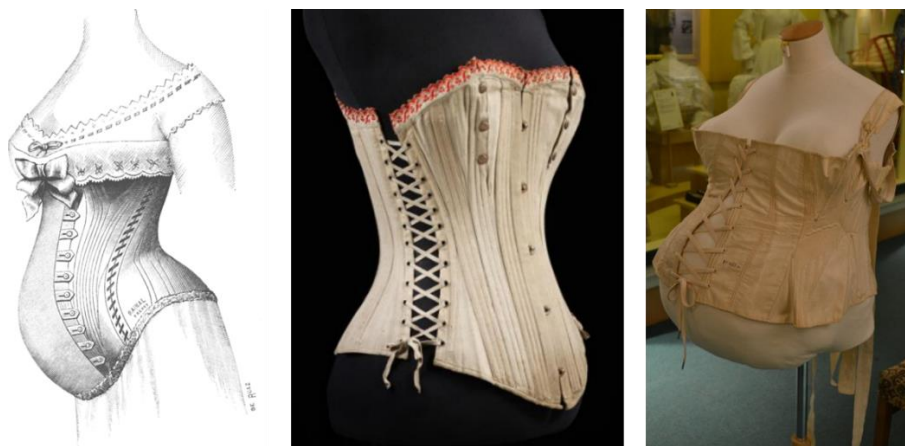


Fonte: Forbes, 2015.

A vesícula biliar era igualmente uma preocupação, com o argumento de que o *corset* causava cálculos biliares, junto a elas se especulava a constrição do estômago como causadora de úlceras e câncer, não há, portanto, nenhuma evidência que comprove essas afirmativas. O que acontecia é que o espartilho, ao contrair o estômago e intestinos, poderia causar problemas digestivos como dificuldade de evacuar e a pressão aumentada na bexiga causava problemas de controle da micção. Além das condições físicas, também se acreditava que o espartilho causava defeitos mentais, como a histeria, melancolia e sentimentos impuros (eróticos) por conta de um fenômeno que chamavam de “congestão do sangue”, que teoricamente atrapalharia o fluxo sanguíneo para o cérebro e outros órgãos, como o coração, fígado e “órgãos femininos”, essas alegações eram feitas com fundamentos não verificados, e na medicina atual não há algo parecido com “congestão do sangue” (STEELE, 2001).

Dessa forma, umas das preocupações dos médicos vitorianos que mais se aproximavam da realidade está no perigo do uso do espartilho para o sistema reprodutivo. Um dos motivos para isso, é que muitas mulheres vitorianas sofreram prolapso do útero devido ao grande número de gravidezes, e a pressão que o *corset* causava poderia agravar essa condição médica. Na prática, usar o espartilho durante a gravidez poderia gerar uma série de problemas, e mesmo existindo modelos específicos que se expandiam para essa condição (Ilustração 24), havia uma inibição da expansão do útero, que podia contribuir para abortos espontâneos e dificuldades no parto. Algumas mulheres tentavam esconder sua situação apertando o laço, e provavelmente havia tentativas de abortar o feto por essa técnica. As acusações do espartilho normalmente estavam ligadas a campanhas ideológicas a favor da maternidade, com o temor de que se as mulheres se separassem da esfera doméstica, a ordem social seria ameaçada, por isso é importante analisar criticamente tudo que tenha a ver com a maternidade, pois muitas vezes o argumento físicos e morais costumavam a ser confundidos (STEELE, 2001).

Ilustração 24: Tipos de espartilhos maternidade, normalmente com cadarços ou botões para se adaptar ao crescimento do feto. Na maioria das vezes não eram usados com a intenção de reduzir a cintura, mas sim para dar suporte as costas e se manter no padrão de decência da época.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Como já foi dito no subcapítulo anterior na página 44, o mito das costelas removidas cirurgicamente não tem qualquer comprovação ou elementos que deem sustentação a essa narrativa, mas junto com essa história vem outro fator referente ao espartilho que causou controvérsias e questionamentos: o fato de as costelas quebrarem pela pressão no torso. Sarah Chrisman (apud WILLIAMS,

2013), explica que a palavra “costelas” se referia também ao osso de baleia que dava a estrutura rígida ao espartilho, e podia se tornar seco e quebradiça com o tempo, então a frase de “costelas quebradas” podiam se referir ao espartilho, não as do corpo humano. A questão é que se um osso de baleia se partisse, o que parecia acontecer com alguma frequência visto que os anúncios do *corset* anunciavam que tal modelo “não quebrava” e que vinha com ossatura extra para substituições (Ilustração 25), um fragmento afiado poderia perfurar a pele ou órgãos internos. O maior perigo estava na má construção e ajuste da peça e os espartilhos atuais são normalmente feitos de aços flexíveis, não tendo esse problema de quebra da ossatura.

Ilustração 25: Anúncio de espartilho com escudo. Mulheres que apertavam a cintura com força às vezes tinham problemas com a quebra dos ossos do espartilho, este anúncio do *Pearl Corset Shield* de 1893 promete acabar com esse problema com pequenas almofadas adicionadas ao espartilho que “não aumentam a cintura”.



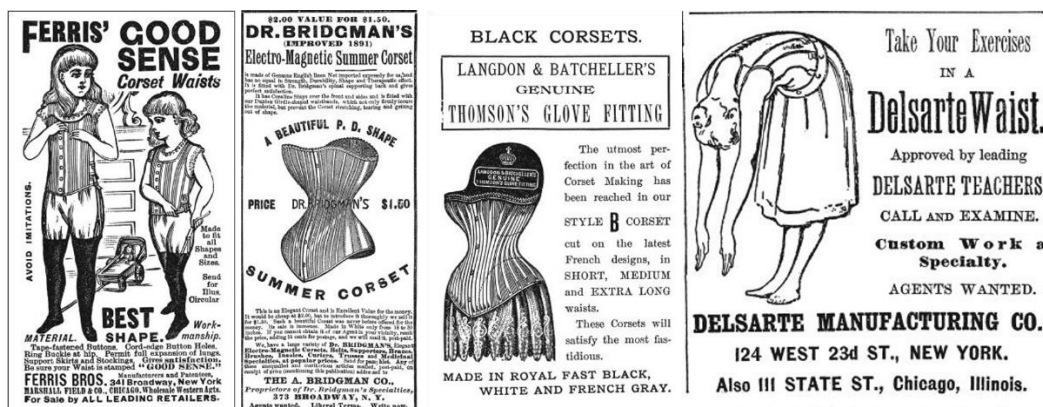
Fonte: Seleshanko, 2012

Assim, é possível ver que um espartilho sob medida, bem-feito e ajustado ao corpo, é a forma ideal de se usar a peça, mas como muitas mulheres usavam roupas de segunda mão ou compradas em uma modelagem de formato pronto, poderia haver uma geração de problemas como os já citados. Ao longo do século XIX, o desenvolvimento do comércio de espartilhos trouxe a melhoria de materiais e acabamentos, o que fez as *corsetieres* serem cada vez mais especializadas em trabalhar com o cliente, e fazerem uma peça que se encaixe

bem. Em 1867, a marca Thomson's criou o modelo "encaixe de luva", que garantia moldar até as figuras mais difíceis (WAUGH, 1954).

Também é importante ressaltar que existiam diversos modelos de espartilhos para diferentes situações, não só os já citados para a gravidez e crianças, mas também para esportes; à prova de ferrugem para natação; curtos para andar a cavalo; os com inserções elásticas para tarefas domésticas; espartilhos "elétricos" que afirmavam "prevenir doenças"; os de enfermagem e outros modelos para várias situações da época (Ilustração 26), o que ajudava na adaptabilidade das necessidades físicas (SELESHANKO, 2012).

Ilustração 26: Montagem de anúncios de diferentes tipos de espartilhos. 1) Para crianças e adolescentes; 2) Espartilho elétrico; 3) Thomson's "encaixe de luva"; 4) Espartilho para exercícios físicos.



Fonte: Elaborado pelo autor. Seleshanko, 2012.

Isto posto, os ataques dos médicos vitorianos ao *corset* e ao *tight-lacing* se dão para explicar fenômenos que hoje a medicina moderna atribuiria a elementos como o trabalho pesado prolongado, exposição a acidentes industriais, deficiências alimentares, e outras condições externas da época. Existiam médicos, como o conhecido frenologista Fowler, que acusavam o espartilho de causar infanticídios, suicídios e que queriam atribuir características comportamentais e morais das mulheres buscando explicações em saliências no cérebro. Steele afirma que é desanimador ainda ter historiadores que citam esses estudos como provas dos males do espartilho, mesmo sendo claro, para os padrões atuais, que se tratava de uma pseudociência, sem validade científica.

Mesmo a literatura médica ortodoxa do passado muitas vezes não é confiável. Na verdade, é bastante surpreendente que os

historiadores tenham sido tão relutantes em questionar relatos de doenças induzidas por espartilhos sem considerar o estado do conhecimento médico, a medicina clínica e os diversos preconceitos de muitos médicos da época. Historiadores que nunca aceitariam relatos médicos sobre os perigos da masturbação (causa cegueira e insanidade) ou educação feminina (suga o sangue do útero para o cérebro com resultados espantosos) tornam-se perversamente crédulos sempre que a moda é objeto de anátema médico. (STEELE, 2001, p.67, tradução nossa).

Nem todos os médicos eram tão tendenciosos. A profissão era formada por grupos diversos, heterogêneos e desregulados, existindo diferentes visões e contradições internas. Alguns achavam que usar o *corset* em si era o problema, outros que o *tight-lacing* era o verdadeiro vilão (Ilustração 27), mas a grande maioria era contra a reforma do vestuário, proposta por algumas feministas da época que reivindicavam o abandono do espartilho, muitos pensavam que ele precisava ser melhorado e não abolido, pois fazia parte da construção de feminilidade. Nesse contexto, espartilhos “higiênicos” foram pensados para melhorar a condição da mulher, porém a maioria desses chamados espartilhos saúde foram baseados em falsas teorias médicas e acabaram sendo tão repressivos ou piores que os convencionais, como exemplo o que formava a silhueta “S”, apresentado no capítulo 1, que era bastante restritivo (STEELE, 2001).

Ilustração 27: No jornal *Illustrated Police News*, que desenhava crimes e mortes de forma sensacionalista: “morte por *tight-lacing*”, refletindo o pensamento médico da época.



Fonte: Beautiful-grotesque, 2012.

Houve durante a era vitoriana uma tentativa de aliança entre reformistas do vestuário e médicos, que produziram textos que reuniam uma série de palestras feitas em Boston em 1874 sobre como o espartilho afeta a saúde das mulheres, transmitindo informações importantes sobre fisiologia, mesmo que algumas bem duvidosas. Contudo, as mulheres não deixaram de usar os espartilhos mesmo com todos esses ataques, e como foi visto no capítulo 1, foi só no início do século XX que eles começaram a sofrer mudanças, e não foram por conta da saúde (FERNANDES, 2010).

Logo, é possível analisar que aos olhos da medicina moderna e com base nos estudos já feitos, a maioria das queixas médicas sobre o *corset* eram falsas ou exageradas. O espartilho realmente poderia agravar problemas já existentes e limitar situações, porém as mudanças que ele proporcionava não eram necessariamente maléficas à saúde e não colocavam em risco a vida das mulheres na maioria dos casos. As lesões ocasionadas por ele se configuram mais como exceção do que como norma, e a maioria das mudanças se dava pelo *tight-lacing*, e não pelo uso comum e hegemônico do *corset* na época.

Em um paralelo, o salto alto pode causar joanetes e problemas menores que todos estão cientes, mas não são um motivo de desistência para seu uso. Um salto de má qualidade pode quebrar e fazer a mulher torcer o tornozelo, mas isso não quer dizer que seu uso causa necessariamente um tornozelo quebrado, ele também pode ter benefícios para a usuária, principalmente em relação a postura. O salto é usado mesmo com as frequentes queixas de desconforto, nas quais, assim como o *corset*, podem ser diminuídas por diferentes modelos e desenvolvimento de novas tecnologias e técnicas que melhoram a qualidade e conforto das peças. A grande questão que fez esse assunto ser tão debatido foi a confusão do físico e do moral, os médicos interpretaram o corpo individual como um sinal de saúde (ou doença) do corpo social.

3. Corset, Moda, Gênero e Feminismos

O espartilho, até os dias atuais, é visto como uma peça essencialmente ligada a ideia da mulher e da feminilidade, com sua história extensa e controversa, também é lido como um símbolo de opressão feminina, limitando a movimentação e deformando o corpo a fim de chegar em um padrão de beleza imposto pela sociedade. Assim, o objeto assume, aos olhos de alguns grupos, um lugar de vilão do vestuário com seu uso ligado a paradigmas de autonomia, expressão, contenção e liberdade, fazendo com que a relação entre o *corset* e gênero sejam essenciais para estabelecer um debate sobre a peça, e seu espaço como corpo social.

Dessa forma, a interseção das mulheres com o espartilho pode ser abordada de diversos ângulos, seja por sua historicidade, pelo domínio masculino, o controle dos corpos, com as reformistas do vestuário, os processos de abolição, os de resignificação, a luta feminista e outras narrativas a serem exploradas nesse capítulo para responder uma pergunta necessária até os dias de hoje: o espartilho é uma peça opressiva?

3.1 O século XIX: Questões de Gênero, teorias reformistas e polêmicas em torno dos *tight-lacers*

Primeiramente, durante a época vitoriana o uso do *corset* era essencial para estabelecer um padrão de moralidade, respeitabilidade e de aparência desejada, não usar o espartilho era indecente, principalmente para a mulher burguesa. Nesse contexto, o vestuário é uma figura central na posição da mulher na sociedade. Segundo Fernandes (2010), o papel da mulher se referia a esfera privada, tendo o fardo de ser a vitrine do homem e da família e precisando estar dentro das normas de vestimenta e comportamento para atender a essa imposição de mostruário ideal da família.

Com a ideia da mulher como vitrine, os homens entendiam que ela precisava estar espartilhada, mesmo que a vestimenta feminina fosse constantemente motivo de escárnio por parte deles. Deste modo, ao mesmo tempo que ela não podia abandonar a peça, o uso para o *tight-lacing* era

condenado como algo fútil e imoral; e ao contrário, a mulher despartilhada significaria uma nova forma do corpo feminino, que poderia ameaçar a ordem social, política e sexual (FERNANDES, 2010, p.52). A vestimenta ocupava um lugar estratégico entre o ser social da mulher e o ser privado, ela ditava a função das mulheres e sua mudança não era bem aceita e, até certo ponto, temida.

Em paralelo com esse discurso, havia também uma pressão por parte de alguns médicos para a volta do corpo natural, reivindicando o fim do espartilho por ser um instrumento que traria complicações na saúde e se referia a mera futilidade feminina

Segundo o panfleto do Sanitarium, “espartilhos e corpetes (bodices) eram para ser descartados para que a perfeita liberdade pudesse ser obtida”. Kellogg acreditava que “qualquer jovem mulher que não havia arruinado permanentemente seu corpo por um vestuário mal construído poderia aprender a ficar como a Vênus Genetrix”. (FERNANDES, 2010, p.37).

Como foi introduzido no capítulo anterior, essa dualidade entre objeto sexual/respeitabilidade, íntimo/social e corpo natural/social traz uma perspectiva de que a mulher e seu vestuário sempre estiveram em um local de condenação. Se está espartilhada é contra a natureza, se praticar *tight-lacing* é fetichismo, se não o usar é desleixada, sem moralidade e não tem lugar de respeito na sociedade. Parte das mulheres vitorianas, principalmente as burguesas, viviam com esses conflitos constantes. (JARDIM, 2014, p.22).

Porém, mesmo com essas questões, é importante notar uma certa independência da moda feminina em relação aos gostos masculinos: ao mesmo tempo que o espartilho estava ligado a figura ideal para o deleite dos homens, a peça ainda era motivo de charges e risadas por parte deles, que já haviam abandonado as “fantasias da moda”. Esse fato não se prende apenas ao *corset*, mas também a diversas peças do vestuário feminino, como a crinolina, enchimentos e adornos exagerados, que durante os anos serviram tanto de atração quanto de críticas por parte dos homens, elas existiam e se modificavam independente do gosto ou vontade masculina.

Na visão de Fernandes (2010), a mulher não possuía muitas formas de poder diante a subordinação do discurso masculino, mas o vestuário seria “uma das principais expressões não verbais das mulheres”. Em sua análise, o corpo, o vestuário, e conseqüentemente, o espartilho mostravam também a narrativa da própria mulher, sua voz se expressava em forma de denúncia e insubmissão através de sua roupa, com códigos e sinais sofisticados criados por elas próprias, ditando um aspecto essencial para a análise de qualquer período: a estética em sua dimensão social e política, “a função estética, na qual o espírito criador da mulher encontra voz por meio da arte, que faz o espartilho uma tela pintada por mãos femininas” afirma a autora.

Portanto, é necessário questionar a narrativa de que a mulher se encontrava em uma posição única de passividade frente as imposições sociais, e entender como o vestuário foi uma importante forma de resistência. Hollander (1996), em seu livro *O Sexo e as Roupas*, pontua que as mulheres não eram vítimas enraivecidas de suas roupas, e muito menos se sentiam, em sua maioria, forçadas e impotentes por causa delas, mas sim que o vestuário oferecia satisfação geral durante muitos séculos, e que as narrativas femininas na sociedade se moldavam conforme essas roupas.

Um exemplo dessa astúcia da linguagem feminina de se impor no vestuário está na condição que a roupa dava socialmente, de acordo com Steele (2001 apud FERNANDES, 2010) o espartilho representava uma proteção da posição social da mulher, ou até mesmo permitiria uma melhora através de um casamento, visto que a situação socioeconômica feminina ainda era ditada pelo matrimônio, era compreensível a mulher saber usar sua imagem para seu benefício social, o espartilho então, protegia o *status* através da construção da beleza, era o seu “marketing pessoal” (XIMENES, 2009).

O objeto da história das mulheres, afirma Chartier, é o estudo dos dispositivos que garantem que as mulheres consintam nas representações dominadas pelo discurso masculino. O historiador acredita que as representações de inferioridade feminina estão inscritas nos pensamentos e nos corpos dos homens e das mulheres, o que não exclui “possíveis variações e manipulações que, pela apropriação feminina de modelos e de normas masculinas, transformam em instrumentos de resistência e em afirmação de identidade as representações

forjadas para garantir a dependência e a submissão”.
(FERNANDES, 2010).

As nuances da relação histórica entre o *corset* e as mulheres mostram como o fator social imposto sobre a peça configura as concepções sobre ela muito mais do que o objeto em si, o social molda a peça assim como a peça molda a mulher. Entender que a moda feminina é direcionada as mulheres, e que elas, por sua vez, desfrutavam prazeres do vestuário, o fazendo de sua armadura social para conduzir seus interesses, mesmo que com pressão externa e imposição, essa dualidade a torna não um item a ser demonizado, mas a ser entendido em suas complexidades e diferentes posições para diferentes contextos. Maria Alice Ximenes (2009, p.91) argumenta que, se por um lado a mulher esteve à mercê do vestuário apertado, por outro ele proporcionava “uma condição participativa para se comunicar com a sociedade”.

Nessa linha de pensamento, Steele (2005, p.290, tradução nossa) afirma que “algumas mulheres experimentaram o espartilho como uma agressão ao corpo. Mas para outras, o espartilho também tinha conotações positivas de status social, autodisciplina, respeitabilidade, beleza, juventude e fascínio erótico.” Logo, essa narrativa de demonização da peça como instrumento de tortura e opressão vem de um discurso de que a moda, e suas implicações, são puramente irracionais e que as peculiaridades existentes nela são um alvo fácil de ataques e questionamentos (HOLLANDER, 1996, p.177). A noção de irracionalidade da moda, no sentido que pontua as diferenças dos gêneros, está, de certa forma, ligada a ideia de uma irracionalidade feminina, tentando tornar ambas como naturais, e não como um processo social.

Dentro desse contexto, é possível notar dois grupos bem distintos dispostos a enfrentar e ressignificar o vestuário hegemônico: as reformistas do vestuário e os *tight-lacers*. Como foi dito, a experiência do espartilho não foi a mesma para todos, se fazendo importante entender as dinâmicas movimentos sociais em torno da peça, de um lado propondo sua abolição e de outro o seu extremo.

Começando pelas reformistas do vestuário, nome dado para grupos a partir da segunda metade do século XIX, mas principalmente no final do século, que tinham como objetivo a transformação da estética moral de um vestuário mais racional que atendesse as preocupações médicas com o corpo e que pudesse abrir caminho à movimentação feminina e melhoria das condições sociais das mulheres. Era um grupo heterogêneo formado por “reformadores da saúde ou higiênicos, educadores, feministas, médicos, artistas, clube de mulheres, dançarinas, atrizes, cantoras de ópera, membro da comunal e grupo religiosos, e muitas outras pessoas educadas.”, no qual cada um tinha suas próprias motivações e reivindicações sobre o tema (FERNANDES, 2010, p.39).

Em 1851, Mrs. Bloomer teve uma tentativa prematura de inserir um vestuário denominado “traje racional” para a mulher, causando diversas reações negativas, principalmente nessa época em que a dominação masculina e que a diferença entre os vestuários por gênero era muito forte e demarcada. Sua proposta contava com uma versão simplificada do *corset* junto a uma saia ampla abaixo do joelho, sobre a saia ficavam calças largas chamadas de *bloomer* (Ilustração 28), que foram muito malvistas e temidas por conta de uma possível “revolução sexual” com a nova vestimenta. O movimento *bloomer* foi um grande fracasso e demorou quase 50 anos, no final do século XIX, para ganhar mais visibilidade e ter uma real transformação do vestuário, principalmente por conta dos esportes e atividades físicas como o ciclismo sendo inseridas na vida das mulheres (LAVER, 1989).

Ilustração 28: Mrs. Amelia Bloomer, cromolitografia, 1855. Vestuário racional com a calça *bloomer*, bastante rejeitada na época.



Fonte: Encyclopædia Britannica, [2012?]

Durante essa segunda metade do século XIX, a presença feminina aumentou tanto nas universidades quanto no mercado de trabalho, o que proporcionou uma abertura para as mulheres burguesas quererem seu espaço fora da área doméstica, e a roupa era um ponto fundamental dessa mudança, não sendo estranho o aumento crescente de feministas e pessoas incomodadas com o a vestimenta espartilhada, que até então, usada por séculos, era aceita e desejada, passando a ser um impedimento para o novo estilo de vida desejado. Para elas, a moda precisava acompanhar as mudanças sociais, que só poderiam ser conquistadas com esforço conjunto (FERNANDES, 2010, p.42).

Após a tentativa de inserir o *bloomer*, as feministas que propunham resgatar a mudança do vestuário, em meados de 1890, focaram menos na “roupa bifurcada” semelhante a calça e mais em mudanças e banimento do espartilho, que foi uma pauta significativa desses grupos. Nesse momento, as propostas da reforma já eram um fenômeno internacional, que alcançaram simpatia de muitas mulheres na Europa e nos EUA, chegando a ser uma pauta no Conselho Nacional de Mulheres dos Estados Unidos, contando com mais de 700 mil membros. Em 1895, aconteceu o segundo encontro do Conselho, no qual as discussões foram sobre as diferenças do vestuário feminino e masculino e da dualidade de conforto e beleza, condenando não somente o espartilho, mas também as saias longas e o excesso de camadas da roupa (FERNANDES, 2010).

É nesse contexto, que a mudança de vestuário se torna uma pauta que refletia a luta dos direitos das mulheres, em busca de mobilidade e conforto. Era comum reclamações que as roupas apertadas atrapalhavam nessa disputa política, sendo muitas vezes as roupas propostas por elas chamadas de “trajes de emancipação”. Porém, apesar dessas associações, Steele (2007, apud FERNANDES, 2010) afirma que a maioria das feministas não tinha como prioridade a reforma do vestuário e que, por isso, essa ligação entre a reforma do vestuário e a emancipação feminina não pode ser considerada uma verdade absoluta.

Na verdade, essas críticas ao espartilho e ao vestuário foram ignoradas por boa parte das mulheres, mesmo as que faziam parte dos grupos de reforma, ainda acreditavam que usar o *corset* era essencial mesmo com toda a repercussão negativa da peça (HONIG, 2017). Muitas mulheres apoiavam a causa, mas apenas para ser aplicada em outra pessoa. Abandonar o espartilho era sinônimo de um ato de coragem, e mesmo com as preocupações de saúde e visão política, não deixavam de usá-lo. Não ignorando a legitimidade do movimento de reforma em um período de forte repressão da mulher, Steele (2007, apud FERNANDES, 2010) argumenta que quem reivindicava uma reforma apenas pensando em termos utilitários, deixando de lado a característica decorativa das roupas, ignorava que “muitas mulheres experimentavam pelo menos alguns aspectos dos prazeres da moda”.

Essa não adesão ao abandono do espartilho, na visão de Steele (2007, apud FERNANDES, 2010), era uma questão de gosto pelas roupas da moda, que abriam caminhos para que “elas articulassem subjetividade sexual de uma forma socialmente aceitável”. Assim, é importante pontuar que o afastamento do vestuário da reforma com a estética vigente do período pode ter sido um dos responsáveis pelo seu “fracasso” na mudança real da vestimenta. As roupas propostas pelas reformistas eram consideradas feias, tanto que muitos estilistas não apoiaram tais mudanças, se negando a confeccioná-las. A proposta dessas vestimentas era de um traje mais folgado, sem comprimir a cintura e aumentar o quadril, além de algumas vezes contar com a “saia bifurcada” que parecia uma

calça, que criaram um caminho de roupas para o ciclismo e os esportes - ver ilustração 29 (FERNANDES, 2010, p.45).

Ilustração 29: Vestuário americano usado para o ciclismo com a saia bifurcada que permitia uma melhor movimentação ao pedalar, 1896-98.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Por conseguinte, o movimento não conseguiu ser o responsável pela mudança geral do vestuário, o que não tira os créditos de sua relevância na luta da mulher moderna, que posteriormente concretizou essas reivindicações através dos esportes, da bicicleta e mudança das relações materiais do mundo e da moda (FERNANDES, 2010, p.46). O espartilho na era vitoriana, realmente foi em muitos aspectos um dos instrumentos que representavam a opressão feminina, devido a obrigatoriedade e moralidade atribuídas ao mesmo, mas isso não o torna um objeto de opressão onipotente e onipresente em todas as suas usuárias com o decorrer dos anos, e sim um objeto que se transforma de acordo com suas relações dentro da sociedade.

As reformistas eram, então, um dos lados de enfrentamento da hegemonia da moda, que escolheram como alternativa renegá-la. Porém, há outras formas de transgredir as normas, e uma delas foi feita pelos *tight-lacers* que apertavam a cintura com o *corset* ao extremo. Essas figuras que, embora tenham relatos anteriores, se tornaram mais conhecidas na época Vitoriana, buscavam ser extraordinárias, muito longe dos padrões comuns da moda. Tanto que, como já foi mencionado no capítulo 2, eram constantemente vinculados ao fetiche, ao aborto e de irem contra a moral e bons costumes, o *tight-lacing* era considerado feio, anormal e não o padrão de beleza vigente.

Muitas das críticas direcionadas ao uso do *corset* vem de um lugar que confunde o uso da peça como sustentação do corpo e da roupa (usada pela maioria das mulheres) com o aperto extremo e “deformação exagerada”, vinda dos usuários do *tight-lacing*, e por muito tempo essa era vista como a única realidade do século XIX, e não como um grupo de excessão, como de fato ocorreu (STEELE, 1997).

Neste caso, diferenciar esses dois usos do espartilho é importante para entender o olhar social sobre o mesmo, enquanto a peça usada da forma convencional era motivo de atração, o aperto causava repulsa, separando o “corpo correto do corpo totalmente construído”, sendo a intensidade da constrição o grande diferencial dessa linha. Revelando uma dualidade entre o certo: a sexualidade controlada, familiar e o nocivo: constrito que não se assemelha a figura da procriação de uma família através da fertilidade, simbolizada pela área do ventre, e sim do prazer e do pecado. No século XIX, havia uma preocupação da diminuição da família, em um contexto de descoberta e difusão de métodos anticoncepcionais (JARDIM, 2014, p.172).

Outra característica dos *tight-lacers* que nos ajuda a entendê-los, é que essa técnica não visava a construção de um corpo feminino dentro do padrão, e um exemplo disso é que não foi uma prática exclusiva das mulheres – muitos homens, até os dias atuais, se comprometeram em alcançar esse corpo diferenciado, construído. A silhueta desejada era, então, algo muito longe da adequação social e da divisão de gêneros, estando à margem da moda e da sociedade, que ainda os via como um show de aberrações. “O foco do *tight-lacing*, ao menos no âmbito corporal, é apenas um: a diminuição da cintura até o limite” (JARDIM, 2014, p.171). Assim, vemos um grupo que existe até os dias de hoje, inclusive de forma competitiva para o recorde de menor cintura, que atualmente é título da modelo de *corset* estadunidense Cathie Jung, que tem 84 anos e uma cintura de 38 centímetros. Junto a ela, existem outros *tight-lacers* famosos que difundem a técnica até hoje como Fakir Musafar, Mr. Pearl (Mark Pullin) e Dita Von Teese (Ilustração 30).

Ilustração 30: *Tight-lacers* famosos, em ordem: Cathie Jung, Fakir Musafar, Mr. Pearl e Dita Von Teese.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Ainda na questão do gênero, pode-se notar que as silhuetas masculinas desse grupo não são femininas, talvez até inumanas. Mesmo os dois gêneros criando uma nova narrativa, o *corset* ainda é visto como uma peça fundamentalmente feminina, mas na verdade, ele pode criar implicações inéditas sobre o gênero.

Se no tight lacing feminino o papel temático da mulher é atacado (e até mesmo destruído), quando praticado por ambos os sexos é o papel temático do próprio corset que encontra-se em xeque. Em lugar de formar um parecer de corpo feminino, com características próprias de seu papel temático ressaltadas, o corset do tightlacing é utilizado para transformar o corpo de quaisquer sexos e gêneros, conferindo ao corpo um arranjo plástico que transcende o parecer esperado, programado, de ambos os gêneros (JARDIM, 2014, p.173-174).

Outra parte intrigante sobre o tema está em seus riscos e especificidades. O *tight-lacing* atualmente é feito com uma série de regras e acompanhamentos médicos para evitar certas complicações como fraqueza dos músculos, atrofiamento e agravamento de problemas já existentes. Segundo o *Tight Lacing Blog* (2016), que reúne informações e instruções seguras para iniciantes, é necessário ir, pelo menos, ao ortopedista, angiologista e gastro antes de começar a prática, além de manter uma rotina de exercícios para a lombar e

mudar os hábitos alimentares, principalmente em questão das porções ingeridas, sem comer grandes quantidades de uma única vez. Por essas razões, é importante ser feita com responsabilidade e, assim como na época Vitoriana, é fundamental fazer uso de uma peça sob medida, executada ou ajustada com a grande habilidade das *corsetieres*. Logo, não é uma prática fácil, até mesmo no século XIX se demandava um grande esforço para conseguir a diminuição radical da cintura *tight-lacer*.

Esse movimento, porém, pode realmente ser comparado com as reformistas do vestuário e as feministas posteriores que queriam abolir o espartilho, em questão de ser contra a opressão feminina? Segundo Kunzle (1982, apud STEELE, 1997, p.63), os *tight-lacers*, longe de serem oprimidos pelo espartilho, eram “fetichistas femininas sexualmente liberadas que encontravam prazer físico no abraço do espartilho.” Por ter essa característica de transgressão do gênero e da moda, essa prática também se encontra como oposta às “lógicas vigentes de opressão feminina” e a diferenciação deles com as reformistas está na relação com o *corset*: “no extreme *tight-lacing*, a ação revolucionária se dá pelo uso extremo, que ultrapassa o normal; no feminismo, a via escolhida é a negação e destruição do *corset*” (JARDIM, 2014, p.173).

Isto posto, é inegável o caráter revolucionário dessa prática, não só por combater a moda hegemônica, mas também por declarar uma nova forma de libertação sexual, nas mulheres, sendo um dos responsáveis por desassociar sexo e procriação, explorando o prazer feminino e sua sexualidade, e nos homens quebrando o estereótipo de gênero que existia sobre a peça. Dessa forma, “moda e fetichismo devem sempre ser considerados como potencialmente antagonistas, mesmo ou especialmente quando o fetichismo é um exagero do que é aceitável pela moda [...]”, mostrando assim o paradoxo do *tight-lacing*: um corpo totalmente constricto, porém livre, e livre não pelo abandono da peça, mas por ultrapassar as barreiras dos ditames da moda, cultivando de forma excessiva, um corpo nem masculino, nem feminino, “é apenas *tight-lacer*” (JARDIM, 2014, p.175-176).

Portanto, o *corset* foi analisado, ao mesmo tempo, como opressor e como instrumento revolucionário e de fato não possui um significado fixo e nem

absoluto, sendo possível entender que algumas constrictões são liberdades e algumas liberdades são constrictões (JARDIM, 2014, p.209), e para acrescentar essa análise é preciso avançar continuidades do movimento de reforma do vestuário e os movimentos feministas do século XX e XXI, que trazem novas formas de se pensar essa dicotomia entre opressão e liberdade relacionadas ao espartilho.

3.2 Século XX e XXI: Feminismos e feminilidade

Na virada para o século XX, as críticas ao espartilho atingiram seu auge, e estavam desenvolvendo condições materiais para a criação de uma nova moda e uma nova mulher. A associação entre *corset* e *tight-lacing* no imaginário social, alavancou um movimento que aos poucos veio a se tornar a substituição do espartilho por outras peças, o que deu espaço para surgirem estilistas como Paul Poiret e posteriormente, a própria Coco Chanel (Ilustração 31), que apresentaram um novo conceito de vestuário, abandonando o espartilho e a silhueta anterior.

Paul Poiret, “em nome da liberdade”, proclamou o fim do espartilho, substituindo-o pelo sutiã. Apesar de ser creditado pela abolição do espartilho, o estilista não foi o único a criar roupas que não exigiam a peça, e a adoção desse vestuário “desespartilhado” também não se deu de imediato. Segundo Steele, pelo contrário, novas formas de espartilho foram produzidas, incorporando materiais que davam suporte com maior flexibilidade e conforto. Contudo, é importante ressaltar a idéia apresentada que associa o fim do espartilho com a liberdade, mesmo que seu objetivo inicial não fosse libertar as mulheres, apenas criar uma nova moda.” (FERNANDES, 2010, p.58)

Ilustração 31: Designs de Paul Poiret (1919) e Coco Chanel (1926), que não contavam com a silhueta dada pelo espartilho.



Paul Poiret, 1919.



Coco Chanel, 1926.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Esses novos estilistas de Paris, faziam contraste com o período anterior no país que foi a *Belle Époque*, que é conhecida por ter sido uma época de cultura cosmopolita no final do século XIX e início do XX, marcada pelo uso do espartilho em “S”, que era um dos mais restritivos. A praticidade e movimentação eram a nova pauta das roupas, porém, a estética não foi deixada de lado, pelo contrário, estava em formação uma nova forma de feminino. O corpo então, passava a ser moldado de forma mais reta, sem enfatizar as marcas de separação do gênero, era a forma do “corpo nu” em contraste com o *corset* e a crinolina, um novo conceito de mulher moderna estava sendo criado (JARDIM, 2014, p.165).

Mesmo que a cintura não fosse constrita como no espartilho, a roupa de baixo contava com *corselettes*, que ainda moldavam o corpo para o novo padrão. É ingenuidade pensar que essa nova silhueta se tratava do corpo natural, uma vez que o corpo é, necessariamente, cultural e que as roupas incidem sobre ele, o transformando de diferentes formas e intensidades de acordo com a estética da época e do local. Ximenes (2009, p.89), aponta que o vestuário é sempre uma forma de interferência, assim como as escarificações e as tatuagens, e é nesse corpo que há o diálogo com a cultura, seja reafirmando o *status* existente ou em forma de crítica. Os julgamentos da transformação que o espartilho impõe ao corpo muitas vezes vinham de uma narrativa médica e de um juízo cristão

através da exaltação do corpo natural, que na verdade não existia, e que partia de uma idealização da natureza.

Então, o *corset* sofreu muito mais um processo e substituição do que de abandono, as novas roupas, mesmo que significativamente menos restritivas, ainda estavam a serviço de modelar o corpo para o novo padrão da moda. Como foi descrito no capítulo 1, nesse tempo o espartilho foi sofrendo idas e vindas tendo seu auge no *New Look* do Dior em 1947 – Ilustração 8, no capítulo 1, espelhado em um saudosismo dos tempos antes da guerra e da estética anterior, e foi um grande sucesso. Mas na década de 60, a opressão feminina contava com novos aparatos simbólicos que não o *corset*, as dietas e exercícios estavam em voga (STEELE, 2005), e símbolos como o sutiã, maquiagem e as roupas da moda em geral começaram a serem questionadas por feministas da época. Tendo em vista a necessidade de comparação das diferentes respostas a moda tanto no século XIX, quanto no XX e atualmente, algumas reflexões sobre esses movimentos são relevantes para entender e questionar o lugar moral do espartilho nas questões de gênero.

Em 1968, durante o concurso de Miss América nos EUA, aconteceu um grande e simbólico protesto contra a opressão feminina e os símbolos de feminilidade, foi organizado pelo movimento *New York Radical Women* (Mulheres Radicais de Nova York), que eram um grupo dentro do movimento de libertação das mulheres, ou *Women's Liberation*. Ele é lembrado, até os dias de hoje, pela queima dos sutiãs, que na verdade não foram permitidas pelos bombeiros, mas contou com a simbólica “lata de lixo pela liberdade” (onde os sutiãs seriam queimados) – Ilustração 32, no qual foram jogados diversos outros objetos considerados opressores além da *lingerie*, como as maquiagens, cintas, salto altos, produtos de cabelo, vassouras, panelas e revistas pornográficas (JARDIM, 2014, p.155).

Ilustração 32: *Freedom Trash Can* – Lata de lixo pela liberdade, 1968.



Fonte: Jardim, 2014.

O pensamento por trás desses protestos era que, caso as mulheres deixassem de usar objetos que identificam e definem as mulheres, uma nova relação de gênero poderia ser construída entre os homens e as mulheres, logo, a destruição e negação dos itens femininos levaria a um lugar de não-gênero e seria um passo a emancipação feminina, que tanto era almejada (JARDIM, 2014, p.156). Esse movimento condenou todo o “pacote da moda”, considerando os objetos jogados na lata de lixo como fúteis, triviais, e culpando a moda por ser “uma articulação essencial da ideologia da feminilidade”, que oprimia e criava um corpo feminino como objeto sexual. Para elas, a estética hegemônica era uma forma de controle dos corpos, impondo uma série de exigências sobre ele, e sair da moda era o objetivo inicial (EVANS; THORNTON, 1989, p.3).

É importante destacar, que esse movimento foi formado principalmente por mulheres brancas, de classe média alta e com educação universitária, que reivindicavam a luta contra a ideia de que mulheres são objetos sexuais, o que por sua vez, não integrava uma totalidade de mulheres, que tinham outras prioridades em pauta. O movimento feminista não foi, e não é, homogêneo, existiram diversos grupos específicos como o feminismo negro, latino, lésbico e outros, mas o protagonismo das manifestações de 68 foi majoritariamente elitista

e branco, assim como as reformistas do século XIX que pertenciam a burguesia (JARDIM, 2014, p.158).

Assim, as implicações dessas mulheres negarem todos e quaisquer instrumentos que definissem o gênero feminino foram além do objeto, era negação das suas próprias sexualidades. O traje que uma vez tinha função de evidenciar o potencial sexual, agora age como inibidor de qualquer traço de sexualidade. Um exemplo dessa afirmativa é que algumas feministas radicais utilizaram como instrumento de luta o celibato, que as impediam de agradar e dar prazer aos homens, mas consequentemente também a si mesmas. E, ao contrário de Chanel e Poiret, que tentaram formar um novo ser da mulher, as feministas foram em busca de um lugar de “não-mulher” e não parecer com nada que se aproxime de uma Miss América ou outros estereótipos, reivindicando um espaço de não ser vista por sua sexualidade, mas como um ser humano, e essa negação criou um lugar de “não moda”, ou “anti-moda” dentro do movimento (JARDIM, 2014, p.159).

No contexto de rejeição da moda, as roupas usadas pelas feministas da década de 70 eram feitas para demonstrar “praticidade e indiferença”, sendo importante mostrar que não houve esforço para a criação daquela imagem, mesmo que fosse muito bem pensada. Eram usados macacões e calças jeans, os cabelos podiam ser curtos ou longos, mas sem penteados ou algo que significasse tempo investido nele, os adornos foram evitados assim como os saltos altos, era para ser o oposto da moda que era muito trabalhosa, procurando uma imagem sem intervenções artificiais – ver ilustração 33. O “*look natural*” na verdade, não era natural e dava tanto trabalho quanto outras modas, e a naturalidade estava em prol de ocultar esse trabalho, “o antinvestido feminista tornou-se tanto um ataque ao poder da moda para representar as mulheres quanto uma busca por um eu mais autêntico.” (EVANS; THORNTON, 1989, p.7, tradução nossa).

Ilustração 33: Marcha pela Igualdade das Mulheres, 1970. Com o “*look natural*”, sem sutiã, saltos, maquiagem ou adornos decorativos.



Fonte: Who What Wear, 2020.

O uso da palavra “gênero” como objeto de análise é muitas vezes atribuído apenas as mulheres, colocando-as em um local de diferença, enquanto o masculino é o ponto de partida. Esse pensamento se reflete nas atitudes das feministas dessa época,

O Movimento de Libertação das Mulheres, em grupos de conscientização e em outros lugares, falava da alienação das mulheres da feminilidade: as mulheres a produziram, mas não a possuíram, elas tiveram que "comprar", real e metaforicamente. Feminilidade era algo que as mulheres eram forçadas a habitar e consumir. Quando o feminismo rejeitou a feminilidade, também rejeitou a moda como intrínseca à construção, à mentira, da feminilidade. Em busca de uma expressão de um autêntico "eu natural", no entanto, as mulheres baseavam sua aparência em um modelo masculino (cabelo curto, calças, sem maquiagem) ou um modelo infantil (macacão colorido e sapatos de renda). A aparência da feminilidade era vista como uma espécie de artifício, mas a validade de um modelo masculino não era questionada. Atualmente as mulheres estão usando a teoria psicanalítica para considerar que valor pode ser recuperado ou atribuído à própria feminilidade (EVANS; THORNTON, 1989, p.12, tradução nossa).

Então, a intenção de não-construção da imagem feminina, ao mesmo tempo que era muito bem trabalhada para se afastar da moda, acabava formando novos códigos de se vestir, formando uma nova moda. Moda esta, que pregava um não-gênero, mas a norma era sempre o masculino, os elementos que construíam os símbolos dos homens não eram questionados mesmo que

eles fizessem parte da dualidade de gêneros e da dinâmica da opressão, o agênero sempre tendia a estética masculina. Não por acaso, o discurso era de parecer não se importar com a moda, os homens fizeram isso por muito tempo como oposição ao feminino, os próprios dândis no século XIX tinham um vestuário bastante trabalhado e bem ajustado – Ilustração 34 (LAVÉ, 1989, p.158), mas que mesmo com grande esforço de construção não poderia ser admitido o seu gosto pela moda, isso era destinado a irracionalidade das mulheres. Inclusive, os próprios dândis utilizavam alguns tipos de espartilho para acentuar a largura da linha do ombro (STEELE, 2005), mostrando novas contradições na dinâmica do gênero e na rejeição da moda feminina como narrativa.

Ilustração 34: À esquerda, ilustração de Beau Brummell, precursor do dandismo, em 1805. À direita, a caricatura “*Exquisite Dandies*” de 2 dândis com vestuário exagerado, usando enchimentos e espartilho, criticando a roupa dândi e a comparando com as frivolidades femininas, 1818.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

É importante reconhecer na moda um papel não apenas como impositora de uma única feminilidade, mas que ela também pode ser tratada dentro de novas construções, inclusive contrárias e críticas a hegemonia. De certa forma, atacar a moda era uma forma de resistência para destruir as diferenças sexuais

e chegar na igualdade de gênero, de forma que “a moda é um discurso que define e redefine a feminilidade”, e por isso ela é tão importante em uma análise histórica. E nessa separação de modas e de tipos de expressões, se formou um caráter moral do adorno: quando ele serve a conformidade do período, de forma moderada e com modéstia, é considerado natural e de bom tom, e quando é decoração é artificial e ruim (EVANS; THORNTON, 1989, p.13). No livro *Woman & Fashion* (1989), as autoras ressaltam que o adorno é condenado ou elogiado com base na hegemonia vigente de naturalidade e se ela foi perturbada ou confirmada, mesmo que esse conceito esteja sempre sofrendo mudanças ao longo do tempo.

Contrapondo esse pensamento, como os *tight-lacers* nos ensinaram, se a moda é um problema ela também pode ser uma solução, indo contra a alienação e tendo um poder de escolha incisivo na sociedade. Isso foi visto por algumas subculturas no final da década de 70 e ao longo dos anos 80, em que mulheres *punks* (tribo urbana estética e musical ligada a cultura de roupas agressivas, personalizadas e postura de subversão) e posteriormente de visuais alternativos como gótico (surgido do punk, também ligada a música, com visual sombrio e melancólico) encontraram na moda e no espartilho uma forma de expor sua independência e rebeldia contra o sistema, o usando de forma estética para passar uma mensagem de não conformidade com o extremo do visual (Ilustração 35) , a narrativa era que “se a moda é um dos muitos trajes da mascarada feminilidade, então esses trajes podem ser usados na rua como um traje de batalha semiótico.” (EVANS; THORNTON, 1989, p.14).

Ilustração 35: Foto de Cherie Currie, 1977, vocalista do grupo feminino de *punk rock*: *The Runaways*, com um espartilho branco, calcinha, cinta liga e meia arrastão.



Fonte: Jardim, 2014.

Nesse período, o *corset* passou a tomar para si um significado de “obra de arte”, sendo usado como figurino e reafirmação de identidade, ele deixa de ser um transformador do corpo e passa a ser parte de um *look*, tendo modelos puramente estéticos, e que estavam do lado de fora da roupa para se fazer mostrar. O que as feministas radicais fizeram na década de 70 “queimando” a simbologia do espartilho, foi reapropriado por esses novos jovens muito ligados a culturas musicais e políticas que as atrelavam ao vestuário, apostando em sensualidade, ousadia e rebelião das normas e padrões sociais. A popularização do espartilho nessa categoria veio com Madonna que usou modelos feitos por estilistas famosos como Jean Paul Gaultier e Yves Saint Laurent – ver Ilustração 9, no capítulo 1, que eram peças icônicas desassociadas com o conceito de construção tradicional do espartilho, e sim com uma ruptura com os conceitos hegemônicos das vestimentas de ambos os sexos (JARDIM, 2014, p.153).

Vendo esses movimentos de negação e ressignificação do espartilho, é possível analisar a subjetividade da peça em relação ao seu contexto. Uma parte do feminismo repete o discurso de que o artificial é ruim em busca do “natural”, no qual já foi feita a crítica a esse conceito, e como foi construído ao longo do

capítulo: entender a complexidade e força das aparências é essencial para se tratar da relação com o vestuário, e aceitar a ambivalência e contradições na moda e do feminismo é sair do lugar de alienação a roupa e passar a contestá-la em diferentes ângulos (EVANS; THORNTON, 1989, p.14).

Revisitando o passado e os conceitos propostos pelo feminismo apresentado, o espartilho foi um objeto essencial para a construção do conceito de feminilidade hegemônica. A visão dele, e de outros símbolos como objetos opressores foi construída em torno de uma negação da feminilidade, só que o *corset* em especial tem imposições únicas o suficiente para ser uma peça em destaque dessa história. A jornada e alguns pensamentos das reformistas do vestuário do século XIX e das femininas da década de 70 permanecem em setores da sociedade atual, um exemplo foi a *hashtag* que surgiu em março de 2021 no Twitter, criada pelas feministas radicais e iniciada na Coreia do Sul, chamada #TireOEspartilho (Ilustração 36), que tinha como objetivo destruir e quebrar, literalmente, objetos opressivos como as maquiagens e se livrar das amarras sociais, na qual foi escolhido o espartilho para representá-las, mesmo que atualmente seja uma peça mais usada em nichos, e não como uma imposição social, mostrando simbologia forte do *corset* e a continuidade de um pensamento anti-moda em parte do feminismo.

Ilustração 36: Hashtag #TireOEspartilho no Twitter, destruindo a maquiagem como símbolo feminino, 2021.



Fonte: Twitter, 2021.

Nessas diferentes construções do espartilho, tanto as reformistas do vestuário, os *tight-lacers*, as feministas de 68, o movimento *punk* e até as manifestações atuais no Twitter tem em comum uma reflexão sobre moda, corpo, feminilidade, o papel político da mulher na sociedade e, claro, o *corset* – ver Tabela 1. Em análise, as reformistas do século XIX apontavam uma ruptura com a visibilidade da roupa e do aparelho reprodutor, que era indicado pela constrição da cintura. Os protestos de 1968 retomam algumas dessas ideias, no qual apostaram ainda mais na exclusão do espartilho, e em uma mulher contra seu papel social com a luta por uma emancipação da própria formação do corpo, por meio da não-moda e não-feminilidade, negando o papel da procriação e visando a emancipação social (JARDIM, 2014, p.160-161).

Tabela 1: Comparação entre os movimentos de permanência e ruptura do espartilho.

	Imagem	Corset	Moda	Corpo	Feminilidade	Política
Reformistas do Vestuário		Banimento do espartilho ou modelos mais leves	Vestuário racional, maior mobilidade, sem excessos ou constrições; "saia bifurcada"; renegavam a moda hegemônica	Corpo "natural", despartilhado	Ainda dentro dos padrões de feminilidade, questionando apenas alguns aspectos, como o espartilho	Novos espaços para as mulheres, mobilidade e direitos sociais
<i>Tight-Lacers</i>		Apertavam ao extremo a cintura, subversão	Moda sendo usada ao extremo, virando um não-moda; ligada ao fetiche	Corpo inumano, diminuição da cintura até o limite	Abraçam o feminino ao extremo, o transformando para além da feminilidade	Autonomia corporal e subversão dos valores estéticos e morais
Feministas 1968		Banimento, símbolo a ser "queimado"	Abandono da moda como algo fútil; criando uma nova moda "natural", sem parecer que teve trabalho	Corpo "natural"	Rejeitam a feminilidade e seus símbolos	Emancipação feminina a partir da negação da feminilidade
Subculturas (<i>punk</i> , gótico)		Uso decorativo, subversão, rebelião	Moda como identidade, autoexpressão, usaram de forma agressiva	Pode ou não ser alterado, o corpo é estético, rebelde e político	Criam uma feminilidade não hegemônica, se expressando e tendo autonomia sobre si	Se rebelar contra o sistema, ir contra o mainstream e o careta

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Jardim (2014), argumenta as diferentes formas do pertencer nesses grupos: em 1968, era um não pertencer ao feminino; nos *tight-lacers*, era uma

“oposição focalizada”, contestando a sexualidade ser unicamente ligada a procriação; e no movimento *punk*, atrelado a música, houve um conflito com a moda vigente, com a restrição da sexualidade e com qualquer tentativa de limitação da autoexpressão.

Esta última análise nos revelou que, mesmo quando o corset coloca-se como advogado da liberdade feminina, a mulher pode optar pela constrição e pela sujeição a um ideal. A mulher também pode escolher constri-la até o limite suportado por seu corpo, e fazê-lo não por opressão, mas por busca da própria liberdade de expressão de si. A mulher pode cortar os cabelos e queimar o soutien, se assim desejar. E depois de tudo isso, pode escolher um corset não constritivo, e brincar de companheira submissa com o amante, amarrada com fitas de cetim, cinta liga e meias de seda (JARDIM, 2014, p.209).

Portanto, nessa diversidade de relações com o espartilho, nota-se que as roupas não manifestam apenas padrões estéticos, mas também podem contestá-los (FERNANDES, 2010). A posição da mulher como oprimida e o espartilho como opressor não se sustenta como única narrativa, uma peça/símbolo não é responsável pela estrutura de opressão, e a mulher não é passiva em sua relação com o vestuário e com a sociedade. Entre a alienação e a escolha, as mulheres podem abandonar os símbolos de feminilidade, aceitá-los ou subvertê-los para novos significados. Voltando a pergunta inicial do capítulo “o espartilho é uma peça opressiva?”, é possível afirmar que ele, como um signo cultural, não tem significado fixo, e ao mesmo tempo que representou opressão e restrição para algumas mulheres, para outras era um item de embelezamento, um artifício de manutenção ou elevação do status social, autonomia sexual, expressão, respeitabilidade e fascínio erótico, “o estudo do espartilho não se restringe a sua opressão, assim como a história das mulheres não está restrita à sua submissão” (FERNANDES, 2010, p.60).

Ao longo da história humana, a façanha de vestir e modelar o corpo de acordo com os ideais de beleza e contextos socioculturais não é novidade, e o espartilho talvez seja um dos maiores símbolos da intervenção do vestuário no corpo e na cultura, e se tratando uma peça com séculos de história, cheia de idas e vindas, ela ainda possui seu espaço no mundo atual, não apenas como

uma peça opressora, mas com grupos que deram novas narrativas e significados e a ela. E o *corset* segue hoje, sem mostrar sinais de que vai desaparecer, como muitas vezes foi proclamado.

4. Atualidade e Resignificação

O espartilho foi uma peça essencial do vestuário feminino ocidental por muito tempo, usado por homens e mulheres em diferentes contextos, tendo diversas mudanças de forma, construção e significados. Nos dias atuais, é uma roupa que traz muitos dos estigmas médicos e sociais que foram apresentados ao longo desse projeto, só que mesmo com esses ruídos em sua história, o *corset* não deixou de existir, e continua aparecendo e criando diálogos em diferentes setores sociais. Hoje, já não é uma vestimenta obrigatória para a moralidade da mulher, mas se encontra em novos contextos de escolha e de estilo, nos fazendo refletir seus usos e aplicações, as construções de novos significados e se há espaço para a peça no século XXI.

Ainda visto no senso comum como um opressor feminino, o espartilho conta com outras abordagens que dão sentido a continuidade do que foi feito pelo movimento *punk* e os designers como Jean-Paul Gaultier, que ligaram ao espartilho um sentido decorativo e de emancipação, no qual a escolha e o estilo da mulher em usar o *corset* faz sentido dentro de novas vivências femininas. Além disso, há um mercado voltado ao espartilho, com lojas e produções de conteúdo especializados em entender e construir essa peça, seja por meio de lojas, sites, blogs, vídeos no YouTube ou conteúdo no Instagram. No presente, vemos a peça em contextos de subculturas, amantes de vestuário histórico, fetichismo, *Drag Queens*, filmes, séries, tapete vermelho e como tendência de moda, que serão explorados a fim de entender a relação da peça com a atualidade, e como foram desenvolvidos novos artifícios para a modelagem e manipulação dos corpos.

Em um primeiro momento, é importante ter em mente diferentes categorias de análise para se entender a atualidade do *corset*, a primeira é a divisão de quem produz a peça, cria conteúdo, estuda e fala sobre; contra os usuários, os grupos sociais e ícones que utilizam o espartilho para diferentes fins; a segunda divisão é referente ao próprio espartilho, se ele é feito sob medida, com implicações de resgatar uma silhueta que comprime a cintura, normalmente feito com barbatanas de metal e até mesmo os *corsets* para *tight-lacing*; contra o que é feito como produção em massa, com grade de tamanhos

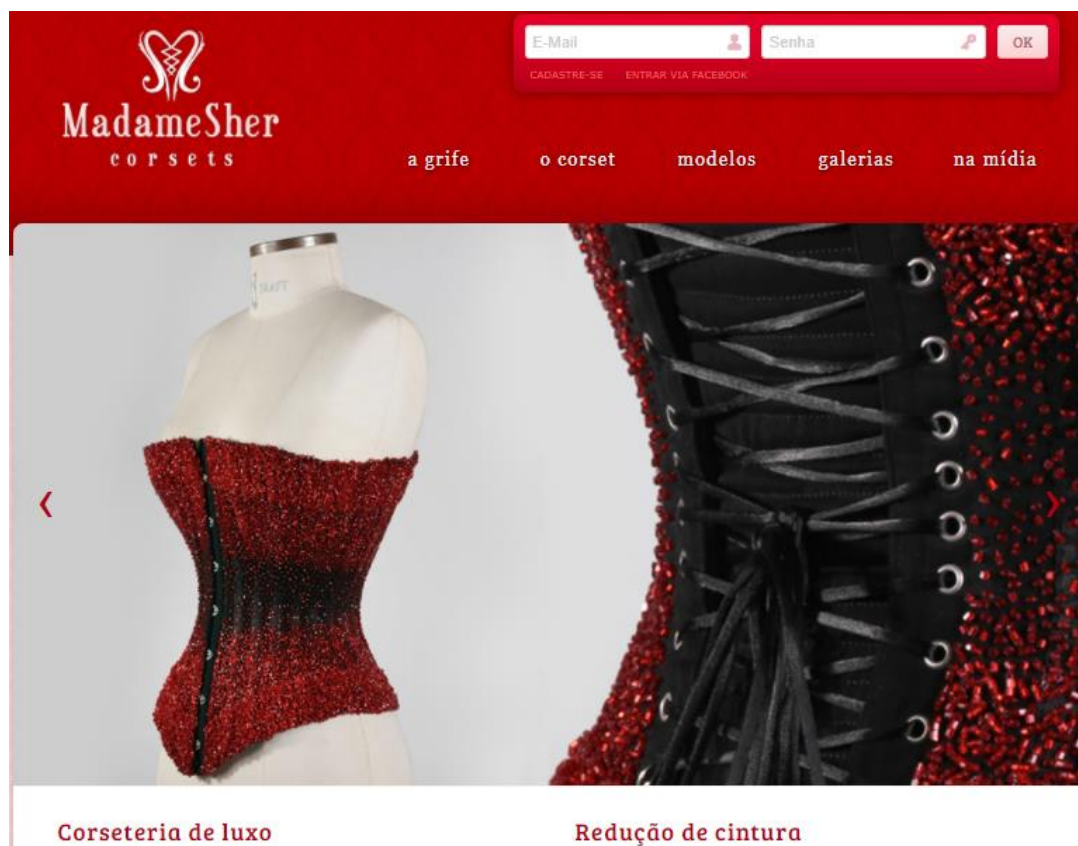
e tem fins unicamente estéticos, normalmente atrelados a tendências de moda, com barbatanas de plástico e que não comprimem verdadeiramente o corpo, esses modelos tem o nome de *corseletes*.

Começando com a produção da peça, é importante fazer um mapeamento qualitativo do espartilho em seu contexto de mercado, produção e informação, antes das pessoas que o usam em si, para se ter uma lista de marcas, blogs, sites e redes sociais que criam e divulgam conteúdo sobre a peça hoje em dia, podendo construir referências atuais que consigam ser consultadas por quem acessar esse projeto e quer entender essa primeira camada de pesquisa do *corset*. Sobre as principais marcas, foi escolhido primeiro entender as que fazem espartilho sob medida e personalizados, incluindo os específicos para *tight-lacing*, para posteriormente debater e discutir os espartilhos padronizados em tabelas de medida do *fast fashion*, modelo de produção em massa e com peças de baixo custo e rapidamente descartáveis.

Temos no Brasil, uma gama de produtoras de *corset* que seguem esse segmento e que atuam no mercado. A principal e mais famosa é a Madame Sher, uma grife de espartilhos de luxo que surgiu em 2003, cuja produção de peças sob medida personalizadas para cada corpo, atemporais, sem seguir tendências, sendo um produto com alta qualidade tanto nos materiais quanto nos acabamentos, nos quais sempre há interesse de aplicação de novas tecnologias e informações para um produto ergonômico e impecável.

Faz parte da proposta da marca a possibilidade de o cliente participar da construção da peça, a tornando exclusiva e criando um vínculo afetivo, que proporciona um consumo mais consciente e evita o descarte. Eles possuem loja física em São Paulo, e site (Ilustração 37) com vendas online para todo o Brasil. Madame Sher é referência nacional de espartilhos, foi pioneira no mercado e já atendeu clientes como Fernanda Young, Gisele Bündchen, Xuxa, Cláudia Raia e outras personalidades importantes. A marca conta com diversos tipos de espartilhos, e duas linhas principais: a de uso diário, chamada *Tight Comfort*; e a *Fashion*, que são os usados apenas para compor *looks*, ambas contam com modelagem do corpo e um caimento perfeito, além do conforto, tendo modelos especializados em *tight-lacing* e *waist-training* (MADAME SHER, 2021).

Ilustração 37: Print do site Madame Sher Corsets, mostrando um modelo da linha *Fashion*, 2021.



Fonte: Madame Sher, 2021.

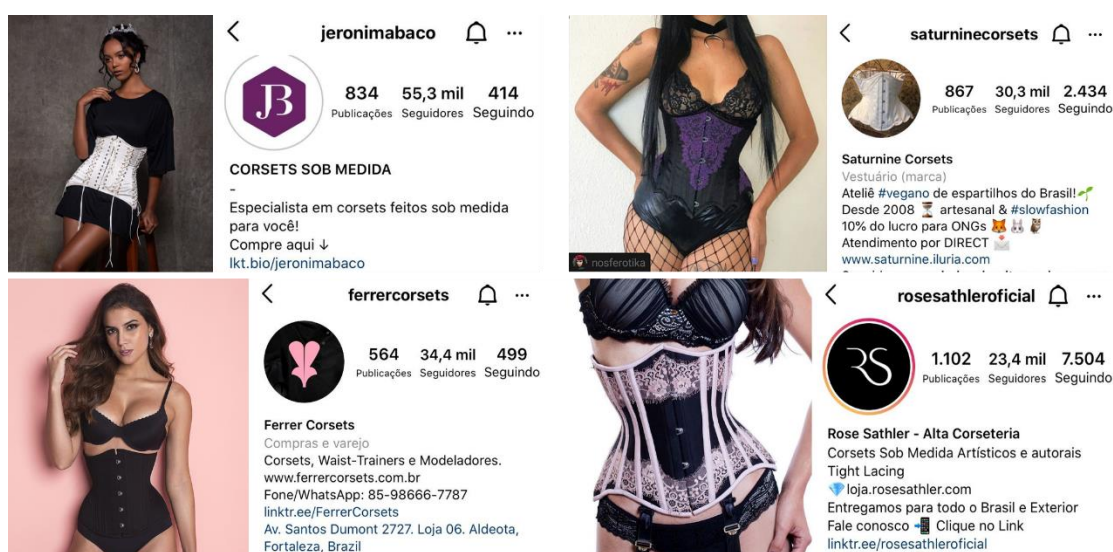
Vale ressaltar, que o *tight-lacing* já foi explicado ao longo do trabalho, mas atualmente existe uma diferenciação entre essa técnica e a *waist-training*, muito divulgada por algumas celebridades como Kim Kardashian. Segundo o site da marca,

Tight Lacing é a denominação internacional dada à prática de usar espartilhos progressivamente ajustados a fim de reduzir alguns centímetros na cintura durante o uso. Mesmo que não seja a intenção, essa prática pode inadvertidamente reduzir a cintura do usuário, inclusive depois que a peça for removida. Waist Training é a prática de tornar esse uso diário para reduzir em caráter definitivo o perímetro da cintura. No Brasil, considerando o desconhecimento sobre o tema, a criadora da marca Madame Sher, Leandra Rios, popularizou o uso do termo Tight Lacing para se referir também ao treino (MADAME SHER, 2021).

Com o maior nome do mercado nacional já explicado, outras grandes marcas também produzem *corsets* sob medida que merecem destaque

(Ilustração 38), como a Jerônima Baco de Goiânia, que atualmente conta apenas com a loja virtual e desde 2013 busca uma experiência única com o cliente; também a Saturnine Corsets de São Paulo, feita por Dhyana Platzeck que desde 2008 produz *corsets* usuais e alternativos; o Ferrer Corsets, criada pelo *corsetier* Marcelo Lima em 2008, sendo referência de qualidade; e a Rose Sathier - Alta Corseteria, que desde 2011 traz espartilhos artísticos feitos com uma revisitação de técnicas históricas da confecção.

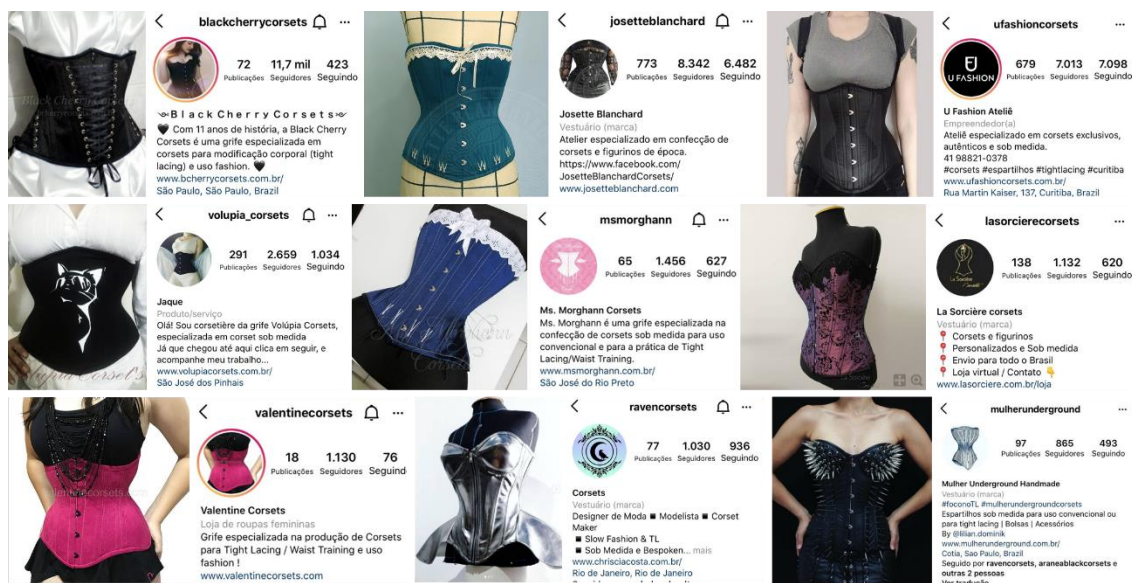
Ilustração 38: Foto de um modelo e Instagram de marcas importantes no mercado nacional do *corset*.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Há também as marcas menores, mas com reconhecimento dentro da comunidade pela qualidade, podendo citar algumas como: Black Cherry Corsets, Josette Blanchard, U Fashion Ateliê, Volúpia Corsets, Ms. Morghann Corsets, La Sorcière Corsets, Valentine Corsets, Raven Corsets e Mulher Underground – ver Ilustração 39. Todas elas são referências na construção de *corset* no Brasil e possuem cada uma sua singularidade de estilo e produção, conquistando um público sólido e trazendo a peça tanto para o cotidiano quanto para situações especiais das brasileiras. Existe uma listagem desatualizada no Tight Lacing Blog (2008), que além de mostrar um mapeamento desses profissionais também é dedicado a passar informações de qualidade sobre os diversos aspectos do *tight-lacing* e como praticá-lo com segurança.

Ilustração 39: Foto de um modelo e Instagram de outras marcas importantes no mercado nacional do *corset*.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

No cenário internacional, há uma quantidade significativa de *corsetieres* espalhadas pelo globo. No site Lucy's Corsetry (2012) existe um mapa com os lugares pelo mundo que fazem *corsets* (Ilustração 40), em azul estão os que a criadora do site já usou, em amarelo os que tem uma proposta de serem espartilhos medicinais, e em vermelho os demais. É possível notar uma maior ocorrência de produtoras de *corset* na América do Norte e na Europa, mostrando que existe uma concentração geográfica do fazer o espartilho, muito ligada também a história e tradição da peça. Esse site possui um grande compilado de estudos e informações sobre o *corset*, e é referência internacional para iniciantes e amantes do espartilho. Nesse sentido, mesmo que a peça não seja mais obrigatória e comum no guarda-roupa da mulher atual, ainda é possível ver a resistência e que sua confecção não ficou apenas na história, mas como é relevante atualmente.

Ilustração 40: Mapa Mundi marcado com os principais *corsetieres* em todo o mundo.



Fonte: Lucy's Corsetry, 2012.

Outro indicativo da relevância do espartilho está nos desfiles e nas grandes marcas de moda que se apropriaram criando novas versões ao *corset*. Na moda atual, existe o *corset* não apenas como uma roupa de baixo estruturada com barbatanas modeladoras, mas também corseletes, e estilizações que usam o espartilho apenas como símbolo, sendo representado em vários tipos de construção. Assim, há tipos de espartilho com diferentes propósitos – alguns querem dar forma, outros visual, tem os que querem apenas remeter a ideia do espartilho, os que são para ser desconfortáveis e quase não-usáveis, os conceituais, e podendo, todos eles, aparecem em novas formas e combinações. O *corset* tem seu lugar com multi-interpretações da peça, que não necessariamente fazem alusão a sua função inicial, mas não descarta sua influência e as novas formas de se manifestar e se adaptar a atualidade.

Durante todo o século XXI, o espartilho teve idas e vindas nas passarelas e de tempos e tempos possui algum destaque maior. Nessa trajetória várias marcas criaram coleções com a presença e protagonismo da peça, como Jean Paul Gaultier, Alexander McQueen, Vivienne Westwood, Mugler, Gucci, Dion Lee, Balmain, Schiaparelli, Moschino, Burberry, Dior, Dolce & Gabbana, Givenchy, Saint Laurent, Prada, Louis Vuitton e muitas outras (Ilustração 41).

Ilustração 41: Exemplos do *corset* nas passarelas por grandes marcas de moda.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Junto aos produtores de espartilho, também existem os produtores de conteúdo sobre a peça, além dos blogs já citados, o Tight Lacing Blog (nacional) e o Lucy's Corsetry (internacional), que divulgam informações sobre o *corset* e são um grande guia para os usuários, há uma comunidade no YouTube, principalmente ligada a indumentária histórica, que divulgam vídeos em que o *corset* é tema principal. Seja em um tutorial da construção de um espartilho com técnicas do século XIX, ou desconstruindo mitos, fazendo um traçado histórico, analisando sua presença em filmes e séries atuais, um diário de uso da peça e, assim como esse projeto, tentam recriar visão do *corset* no mundo atual.

No Brasil, há o canal Modista do Desterro, criado pela historiadora da indumentária Pauline Kisner, que dentro do tema de roupa histórica, possui uma série de vídeos debatendo, fazendo e explicando particularidades do espartilho de forma didática; o canal Eneida Queiroz, que é uma historiadora e romancista, traz grandes análises de figurinos de época e explicações sobre a indumentária, incluindo o *corset* em muitos dos vídeos; e o canal Juliana Lopes, figurinista e pesquisadora de história da moda, que conta com alguns vídeos sobre o espartilho, incluindo uma experiência de usar réplicas de *corsets* históricos por um tempo, relatando o uso diário dessas peças (Ilustração 42).

Ilustração 42: Canais brasileiros que falam sobre o espartilho.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Internacionalmente, existe uma comunidade de canais que trazem o tema de história da indumentária das mais diversas formas, alguns trabalham em seus

vídeos o espartilho, como por exemplo Karolina Zebrowska, Bernadette Banner, Morgan Donner, Samantha Bullat, Nicole Rudolph e Abby Cox (Ilustração 43). Nota-se também que esses canais sempre referenciam um ao outro e fazem vídeos em conjunto para determinados temas. São mulheres, normalmente historiadoras da moda, figurinistas e amantes de espartilho que construíram uma rede de informação e um espaço à discursões, trazendo referências e mostrando a relevância da peça na atualidade.

Ilustração 43: Canais estrangeiros que falam sobre o espartilho.

Karolina Zebrowska • 1,01 mil inscritos
How Victorian Men Taught Us to Hate Corsets: The Biggest Lie in Fashion History
 Karolina Zebrowska • 1,1 mi de visualizações • há 1 ano
 people featured: The lady doing the push-ups and yoga: @dressed_in_time (https://www.instagram.com/dressed_in_time) The lady pumping iron in a corset: @Abby Cox
 Legendas

Bernadette Banner • 1 08 mil inscritos
MEDICAL BRACE —VS— VICTORIAN CORSET
24 HOURS
I Wore a (Medical) Corset for 5 Years. How do Victorian Corsets Compare?
 Bernadette Banner • 1,4 mi de visualizações • há 6 meses
 The first 1000 people to click the link will get a free trial of Skillshare's Premium Membership, and after that it's only around \$10 a month. https://skl.sh/bernadettebanner11201 First month's...
 Legendas

Morgan Donner • 196 mil inscritos
3 Ways To Make A Corset
 Morgan Donner • 706 mil visualizações • há 1 ano
 0:33 Tracing the Pattern 1:05 Measuring Pattern Waist/Bust 2:11 Choosing Fabric 2:50 Single Layer Corset 3:40 Inserting the Busk 5:49 Lacing Strip 6:24 Boning 6:57 Seam Finishing 8:08 Double...
1 **2** **3**
CAN BREATHE 14:45

Samantha Bullat • 12,8 mil inscritos
Regency Corset from a Free Pattern!
 Samantha Bullat • 15 mil visualizações • há 2 meses
 Despite what "Bridgerton" would have you believe, Regency corsets are not torture devices! In fact, I've found Regency corsets to be some the most comfortable I've ever worn. I've been...

Nicole Rudolph • 42,5 mil inscritos
CORSET TIMELINE
100 Years of Corset History: How 8 Corsets affect the same body
 Nicole Rudolph • 193 mil visualizações • há 5 meses
 Corsets spanned more than 100 years of history as a regular part of Western women's fashion. Their shape and proportion constantly changed in response to the fashionable silhouette and clothing...
 Legendas

Abby Cox • 137 mil inscritos
Reacting to the "History of the Corset" || Busting (very weird) corset myths
 Abby Cox • 176 mil visualizações • há 2 semanas
 It popped up on our suggested feed. We saw the comments and heard the call for help. So @Bernadette Banner, @Karolina Zebrowska, @Nicole Rudolph, @Samantha Bullat and I are going to react...
 Legendas

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Do ponto de vista do usuário do espartilho, muitas das subculturas que surgiram nas décadas de 70/80 continuam até os dias atuais em grupos que reivindicam um visual alternativo, cada um com suas particularidades de música, estilo e ideologias. Antigamente, se podia falar de uma moda hegemônica única,

e que esses movimentos surgiram como resistência a essa cultura dominante. Hoje, já se vê que a cultura popular adotou vários aspectos estéticos dessas subculturas, existindo não mais apenas um padrão único, mas também uma gama de cultura de nichos ou tribos de estilo, que sustentam a modernidade da moda (MODA DE SUBCULTURAS, 2010).

Tanto na indumentária quanto na música, o gótico se desenvolveu a partir do *punk* no final da década de 70, as primeiras bandas pós-punk foram classificadas como góticas, e assim como essa divisão surgiu na época, posteriormente esses dois movimentos sofreram ramificações e se transformaram em novos grupos, não necessariamente ligados a um estilo musical (MODA DE SUBCULTURAS, 2010). A partir delas, junto a outras referências, surgiu o *Steampunk* – que tem a estética da era vitoriana misturadas com máquinas mecânicas e futurísticas; o *Cyber Goth* – estética gótica industrial, com influência da música eletrônica; o *Gothic Lolita* – subdivisão da moda de rua japonesa lolita, inspirados na moda gótica e vitoriana; e muitos outros estilos que desenvolveram características próprias, mas que se mantêm alternativos. Atualmente esses grupos (Ilustração 44) compõe novos espaços na moda e eles se apropriaram também do espartilho de diferentes formas, sendo uma peça que aparece com frequência no vestuário desses indivíduos.

Ilustração 44: Exemplos de algumas subculturas e tribos de estilo atuais que utilizam o espartilho.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Além das subculturas apresentadas, outras comunidades têm o espartilho como um ícone de estilo. Ligado as artes performáticas há tanto o Burlesco,

quanto as *Drag Queens*. O Burlesco, ou Neoburlesco como é chamado atualmente, é um gênero de espetáculo teatral que se caracteriza por performances femininas, com o corpo e o gênero em destaque, inspirado no teatro burlesco do final do século XIX, e adicionando elementos do cabaré e o *strip-tease*, nele há apresentações com figurinos, normalmente espartilhados, e que possuem diversos números com sensualidade e dramaticidade, um dos maiores ícones dessa arte atualmente é a Dita Von Teese, que possui uma turnê mundial de seu show (CONCEIÇÃO, 2011).

Já as *Drag Queens*, são pessoas (normalmente homens) que criam um personagem de forma artística para expressar diferentes formas de feminilidade, normalmente se apresentam em boates ou em shows, e em muitos estilos dentro dessa arte o espartilho é um item essencial para criar a ideia de uma silhueta associada ao feminino, construindo a ilusão, junto com enchimentos estratégicos no corpo, de uma mulher. Violet Chachki, *drag* conhecida especialmente por usar o espartilho apertado na arte *drag*, é amante da peça e performa nos shows burlescos de Dita Von Teese (Ilustração 45). Na imagem, Violet ironiza o mito do espartilho causar falta de ar com um tanque de oxigênio ao lado para a passarela.

Ilustração 45: Dita Von Teese em seu show e Violet Chachki no programa reality show *Rupaul's Drag Race*, ambas espartilhadas.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Tanto o Burlesco quanto alguns grupos de *Drags*, muitas vezes são associados ao fetichismo e ao extremo do espartilho. E, como foi visto nos capítulos anteriores, não é de hoje que se usa o *corset* como forma de fetiche, sendo uma característica ainda presente em alguns usuários da peça. O *tight-lacing*, também não ficou datado, ainda há grupos que o praticam, podendo ou não estar ligado ao fetiche. No capítulo anterior, foi mostrado que essa técnica também se dá de forma competitiva sobre o recorde de menor cintura, e foi mencionado nomes como Cathie Jung, Fakir Musafar, Mr. Pearl e a própria Dita Von Teese (apresentados na Ilustração 31), todos nomes importantes quando se fala de espartilho na atualidade.

Segundo Steele (1997), o fetichismo está associado a um grande desejo a certas partes do vestuário ou do corpo feminino, podendo ter vários níveis de intensidade e ramificações, muitas vezes ligado a performances e estímulos específicos, como o espartilho. Porém, mesmo que parte dos usuários associem seu uso ao fetiche, isso não é regra, nem mesmo para o *tight-lacing*, que foi reapropriado por outros grupos e tem novos significados. A ligação do *corset* com o fetichismo não pode ser vista como algo negativo à peça, e nem como um estigma aos fetichistas, mas sim como uma das formas de entendê-lo em algumas das interpretações atuais, estando ligado a liberdade sexual das mulheres.

Pearl, um dos *tight-lacers* modernos, relata na sua entrevista com Valerie Steele que “é uma experiência sensual, o uso de espartilhos... no entanto, não envolvo meu interesse numa prática sexual”, e complementa, “não estou fazendo isso para tentar ser como uma mulher”, pontuando que a técnica *tight-lacing* “diz respeito ao controle de si mesmo”, gostando da sensação do aperto, mesmo considerando as peças “confortáveis”. Cathie Jung, portadora do título de menor cintura do mundo, explica que começou a usar o *corset* pelo interesse de seu marido, e que por muito tempo foi uma moda de casais, mas ressalta que hoje em dia há uma nova geração de mulheres solteiras de 20 e poucos anos que usam o espartilho porque “simplesmente gostam do *look*. É popular como uma afirmação da moda”, ela também destaca que normalmente essas novas

praticantes usam a peça por cima de suas roupas, algumas vezes em conjunto com elementos dos estilos fetichistas (STEELE, 1997).

Steele também entrevistou uma *tight-lacer* de 27 anos chamada Lauren, que ao contrário de Cathie Jung, diz usar o espartilho para si mesma, e não para agradar o companheiro.

O *tight-lacing*, assim como o balé, diz “respeito a força e graça”, afirma Lauren. “É feminino, mas muito forte. Adoraria dispensar os mitos sobre espartilhos. Não tenho problemas de saúde. Você só precisa fazer de uma maneira saudável e deixar o seu corpo se ajustar. O único problema que tenho é que se não me exercitar, fico com uma sensação de fraqueza.” “Como você se sente a respeito dos novos espartilhos da moda?”, pergunto. Lauren faz uma pausa. “É difícil para mim. Parte de mim quer dizer, “*por favor*, isso é um estilo de vida, não uma moda”. Mas vale a pena se alguém chegar a um melhor entendimento sobre espartilhos. (STEELE, 1997, p.93).

Esses relatos são do final da década de 90, de quando Steele publicou seu livro *Fetichismo: Moda, Sexo & Poder*, porém já indicavam a tendência que se concretizou de novas formas de se pensar o espartilho, desde o fetichismo até a composição de um *look*. É importante notar que diferentes gerações de *tight-lacers* e usuários do *corset* coexistem no mundo atual, e elas possuem diferentes discursos em relação a peça, e muitos desses praticantes já estão com uma idade avançada (Cathie Jung, por exemplo, possui 84 anos), reforçando o ponto do capítulo 2, de que a técnica não diminui a expectativa de vida.

Outros grupos sociais também dão ao espartilho um significado especial, como é o caso de amantes da moda *vintage*, que buscam recuperar as formas de se vestir em períodos passados, em que o *corset* possui destaque pela construção de uma silhueta de época. Contudo, a moda *vintage* é atribuída às roupas do século XX, no qual a distância temporal não é tão grande, e paralelo a esse movimento, há aquelas pessoas que estão interessadas em antiguidades, peças do século XIX, XVIII ou anteriores. Algumas usuárias possuem uma década ou período específico em seu cotidiano, outras misturam tanto dentro das peças *vintage* quanto na antiguidade (Ilustração 46), mas são movimentos que tem no *corset* um aparecimento recorrente.

Ilustração 46: A mesma usuária utilizando moda vintage e antiguidade, ambas com o uso do espartilho para dar a silhueta da época.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Pensando nos usos e usuários do *corset*, Lucy Williams, bioquímica e *corsetiere* criadora do blog Lucy's Corsetry, escreveu o livro *Solaced*, no qual recolheu 101 diferentes narrativas de usuárias, fabricantes e entusiastas do espartilho relatando suas experiências positivas com a peça. Dentre esses relatos há o uso do espartilho para benefícios físicos, mentais e sociais: como ajudar nas dores das costas; o uso para estabilizar a curvatura da coluna em casos de escoliose; a construção de uma boa postura; suporte das costas e dos seios; proteção do abdômen (os espartilhos já impediram e seguraram desastres como acidentes, tiros e esfaqueamentos); sendo auxiliares na mudança da forma do corpo, inclusive para atletas e fisiculturistas; ajudando na disforia de gênero, fazendo mulheres trans e travestis remodelarem e feminizarem seus corpos; combatendo distúrbios alimentares; melhorando a autoestima; e muitos outros efeitos e atribuições modernas da peça (WILLIAMS, 2016).

É importante notar que nesses relatos muitas das experiências são subjetivas, mas mostram a variedade de motivos de uma pessoa usar *corset* no século XXI, no qual tanto mulheres quanto homens possuem teoricamente o poder de escolha em vestir o que gostam e o que os faz bem. Como foi apontado

no capítulo anterior, alguns setores do feminismo atual ainda são contra o espartilho e o taxam como peça puramente opressiva, mas na atualidade também há feministas que usam o espartilho e abraçam suas contradições em nome da autoexpressão e na autonomia de seus corpos – o livro de Lucy mostra alguns relatos nesse sentido. O *corset* atualmente não é só um símbolo de feminilidade, muito menos de opressão, mas tem uma gama de narrativas que sustentam seu uso e sua continuidade.

Junto a essas novas formas de usar e de se pensar no espartilho, ele também aparece com visuais icônicos em celebridades que causaram impacto e trazem atenção a peça. Exemplo recente está no *look* que Kim Kardashian, conhecida pela silhueta acinturada, usou no baile Met Gala 2019: um vestido de Thierry Mugler extremamente justo, com um *corset* de Mr. Pearl por baixo para alcançar aquela silhueta – ver Ilustração 47 (ESTEVÃO, 2019). Kim declarou que sentiu grande dor e desconforto, mal podendo se movimentar ou se sentar com o uso da roupa, porém, é necessário ressaltar que esse visual não tinha como objetivo ser ergonômico ou prático, a intenção e a construção da peça foram para causar impacto “a qualquer custo”, sem que a cintura e o corpo da Kardashian estivessem ajustados a aquele nível de constrição.

Ilustração 47: Look da Kim Kardashian no Met Gala 2019, por Thierry Mugler e *corset* por Mr. Pearl.

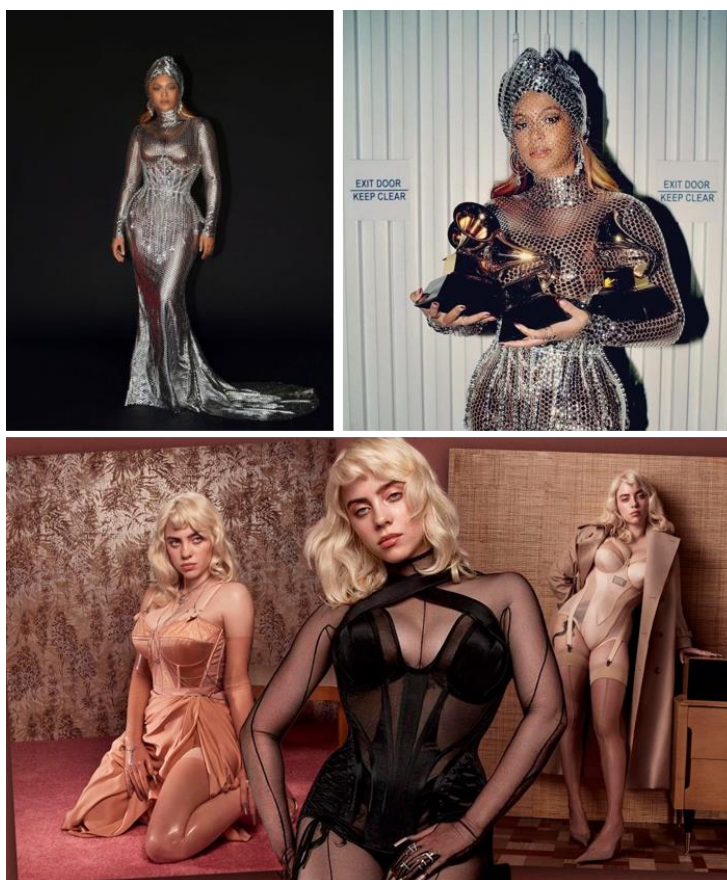


Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Nessa linha de pensamento, Beyoncé também está em destaque. Na festa pós-Grammy de 2021, a cantora usou um vestido da marca Burberry com

espartilho de pedrarias, que chamou atenção da *internet* e fez da peça motivo de vários comentários em sites de moda (EIRAS, 2021). A nova geração também aparece com o *corset*. Billie Eilish, artista de 19 anos, surgiu em um novo visual com fotos espartilhadas para a revista *British Vogue*, contrastando com o *streetwear* e roupas largas que usava até então. As fotos fizeram tanto sucesso que quebraram um recorde no Instagram, tendo 1 milhão de likes em 6 minutos. Foram vários *looks* feitos exclusivamente para essas fotos, contando com grandes nomes como Burberry, Alexander McQueen, Gucci, Balmain, Valentino, Dolce & Gabbana, Andreas Kronthaler para Vivienne Westwood, que marcaram presença na mudança de estilo da cantora (ATREVIDA, 2021). As duas, tanto Beyoncé quanto Billie, trouxeram o *corset* em destaque na mídia (Ilustração 48), mas não são as únicas a o usarem, o espartilho um item conhecido de tapetes vermelhos, premiações e capas de revistas, mas algumas composições se destacam mais que outras.

Ilustração 48: Beyoncé no pós-Grammy 2021, por Burberry; e Billie Eilish mostrando o novo visual para *British Vogue*, ambas com espartilhos.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Há, portanto, as *corsetieres* que fazem o espartilho sob medida, a reprodução em passarelas de diferentes formas, os produtores de conteúdo que divulgam e explicam temas sobre a peça, as subculturas e grupos sociais que a usam como identidade e estilo e as celebridades, junto ao tapete vermelho e premiações, que promovem o *corset* na mídia. Mas o espartilho, durante a pandemia de COVID-19 iniciada em 2020, teve um grande crescimento na internet, nas redes sociais, nas lojas de *fast fashion* e se tornou uma tendência entre os jovens que dispararam a procura e compra dele nesse período.

Alguns fatores contribuíram para essa nova onda do *corset* em plena pandemia. A primeira delas foi a série *Bridgerton* da Netflix (Ilustração 49), lançada no final de 2020 e ambientada em Londres na época da Regência, início do século XIX. A trama consiste em um romance de época baseado nos livros da romancista Julia Quinn, e logo se tornou a série mais assistida da plataforma, com mais de 82 milhões de visualizações em seu primeiro mês de estreia (D'SILVA, 2021). A produção conta com um figurino de releitura da época, misturando a silhueta histórica com elementos fantasiosos, mas um item chamou atenção: os espartilhos.

Ilustração 49: Anúncio da série *Bridgerton* da Netflix, 2020.



Fonte: Suco de Mangá, 2020.

Apesar de se passar em um período no qual os espartilhos eram simples e pouco apertados devido a silhueta vigente, a série dá um certo destaque a peça desde a primeira cena, que mostra uma mulher jovem sendo amarrada ao extremo com o espartilho para se apresentar a rainha, fazendo com que a

personagem mal consiga respirar e reforçando um dos mitos desconstruídos no capítulo 2, que não se confere, principalmente nesse período (Ilustração 50). Valerie Steele, analisa que “um espartilho da era Bridgerton normalmente teria cinturas altas e não comprimidas”, mas ainda que a obra reproduza alguns clichês e mitos, o figurino, que contou com a produção de espartilhos pelo Mr. Pearl, encantou o público e, após seu lançamento as buscas online ao *corset* aumentarem 123%, gerando até uma nova palavra da moda “*Regencycore*”, referente a vestimenta da Regência (D’SILVA, 2021).

Ilustração 50: Cena da série Bridgerton, apertando exageradamente o espartilho e depois desmaiando.

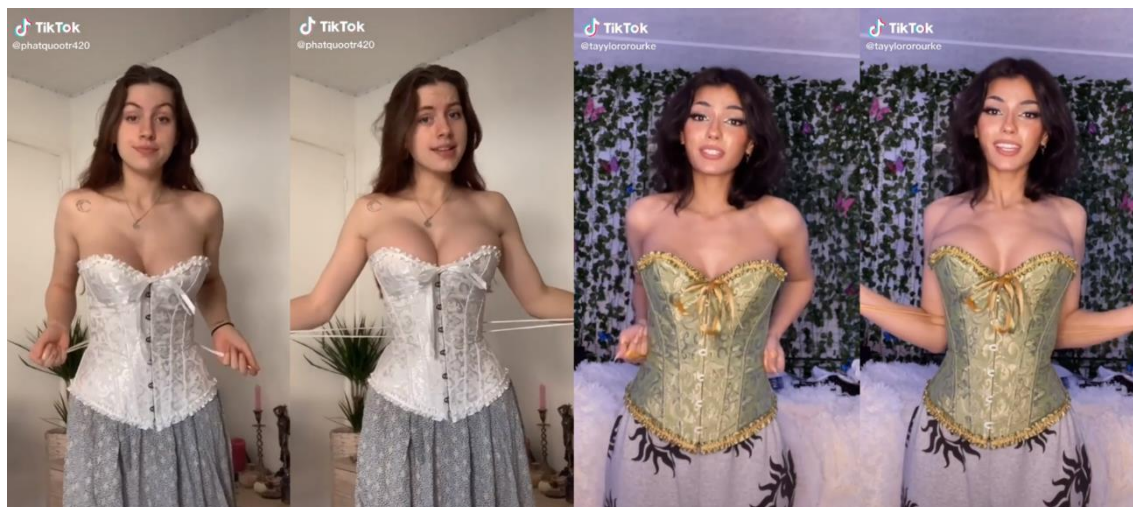


Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Outro fenômeno que contribuiu para a ascensão do espartilho como tendência durante a pandemia foi o viral “desafio do *corset*”, criado em uma das redes sociais mais relevantes entre os jovens na atualidade: o Tik Tok. Esse desafio, ou *challenge* como costuma ser chamado, consiste em vídeos de pessoas apertando seus espartilhos e mostrando a diferença entre o antes e o depois, com a trilha sonora da música *Haus of Holbein*, do musical *Six*. A letra traduzida da música diz “Você traz os espartilhos / Nós traremos as cintas / Ninguém quer uma cintura de mais de [ouve-se o barulho de um espartilho sendo apertado] 9 polegadas (23 centímetros) / E daí que a maquiagem contém veneno de chumbo? / Pelo menos sua aparência atrairá todos os meninos”. Jerônima, *corsetiere* da marca Jerônima Baco, destaca que no Tik Tok o espartilho aparece desconstruído de várias formas e em diferentes corpos: magros, gordos, altos, baixos, mostrando que as pessoas vestem como se sentem na plataforma (EIRAS, 2021).

O desafio do *corset*, trouxe a atenção de muitas mulheres jovens para a peça, que saíram em busca na *internet* de espartilhos baratos para fazerem o desafio e tentar alcançar o visual da moda. Isso não é um problema em si, porém, os modelos mais comprados são corseletes, de barbatana de plástico, feitos em produção em massa e com qualidade baixa (Ilustração 51). Essas peças não apresentam problemas em serem usadas como itens *fashion*, na escolha de um *look*, mas com a desinformação e a alta procura pode haver a tentativa de usá-las para afinar a cintura ou apertando desnecessariamente como no desafio, causando problemas e desconforto. Há também a possível problemática da letra da música, que associa a peça a atração masculina a qualquer custo, mas letra é uma grande ironia sobre os exageros dos padrões estéticos e as reproduções virais no Tik Tok não parecem estar preocupadas com o sentido por trás dessa tendência.

Ilustração 51: Desafio do *Corset* (*Corset Challenge*), mostrando o antes e depois ao apertar a cintura com o espartilho, ambos os exemplos estão com corseletes do mesmo modelo em cores diferentes.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Desta forma, é prudente se pensar que *corsets* não são um conceito único, no qual todos são iguais. Eles possuem propósitos e formas diferentes entre eles, podem ser feitos sob medida ou com tamanhos pré-estabelecidos, ter fins de afinar a cintura ou apenas estéticos e de suporte: ser confeccionado por uma grande *corsetiere* ou em produção em massa. Há, sem dúvidas, *corsets* desconfortáveis, seja propositalmente para criar uma imagem *fashion* ou por motivos de má construção e ajuste. Cada corpo é único e existem tipos de

espartilho para a necessidade de cada pessoa que o procurar. Não dá para pôr todos os *corsets*, antigos e atuais, em uma caixa de conforto (ou não), estilo, propósito, forma etc. é uma peça com variantes significativas e que pode atender, ou não, diversos tipos de pessoas, sendo essencial a escolha e o acesso à informação de qualidade para quem o escolher usar.

Dentro desse contexto de tendências, o Pinterest fez um levantamento para a revista ELLE que apontou que as buscas relacionadas ao *corset* cresceram mais de 600% no Brasil no ano de 2020. Além disso, no Google Trend o termo “comfy corset” (espartilho confortável) foi um dos assuntos mais pesquisados (EIRAS, 2021). Esses dados mostram uma das direções que a nova moda do *corset* está tomando: peças confortáveis, estilosas e acessíveis, o que fez o mercado do *fast fashion* e das grandes lojas produzirem espartilhos que atendessem a esse novo interesse do público jovem. Como exemplo temos a SHEIN, uma famosa plataforma de *fast fashion* internacional que viralizou no último ano e que teve como uma das tendências mais pesquisadas de 2020 o espartilho (Ilustração 52), e junto com outros nomes do *fast fashion*, lançaram versões de blusas que simulam a silhueta do *corset* e peças leves para serem postas por cima de camisetas, imitando o efeito visual de um verdadeiro.

Ilustração 52: Espartilho como principal tendência do site SHEIN, destacado pelo próprio site em vermelho, 2020.



Fonte: SHEIN, 2021.

Além desse segmento, houve também uma releitura do espartilho por parte da moda esportiva. A marca Adidas lançou em 2021 um modelo esporte de um *corset* (Ilustração 53). No século XIX, existiam espartilhos estruturados

específicos para os mais diversos esportes, que davam suporte ao corpo e permitiam uma boa mobilidade, esse atual não fornece essas características, consistindo em uma reprodução visual do espartilho, criado como uma peça bonita e versátil para exercícios ou não. No próprio site da marca, na descrição do produto está escrito “Existe alguma coisa que leve a sua roupa de 3 a 10 como um espartilho? Com o que quer que você combine parece funcionar magicamente”, ainda sugere como combinação um moletom Adidas ou algo glamuroso, criando um *look* casual e sem esforço.

Ilustração 53: Corset esportivo de seda da marca Adidas, 2021.



Fonte: ADIDAS, 2021.

O espartilho ter virado uma peça importante no meio de uma pandemia pode ter algumas explicações que são importantes de se pontuar. Durante esse período, as pessoas têm ficado em casa na maior parte do tempo, até mesmo

para o trabalho, e a necessidade de estilos práticos e confortáveis se fez presente desde o início. As saídas pararam de ser frequentes e junto a isso as roupas tomaram outra função, o que era usado no dia a dia ficou no armário, causando um sentimento geral de saudosismo ao mundo saudável. Um fenômeno recorrente na história da moda, é de que um extremo conduza a outro, e contrastando com os pijamas e moletons, surge tendências glamurosas de tom escapista (FAVA, 2021).

Segundo Lorna Hall, diretora de inteligência de moda da empresa de previsão de tendências WGSN, o surto do espartilho “é uma reação polar inevitável aos extremos das roupas confortáveis”, e por isso a peça pode ser vista com destaque nas passarelas durante a pandemia, feitas em confinamento. Valerie Steele afirma que as nossas fantasias hedonistas, que buscam prazer na vida, estão mais ligadas ao renascimento na alta moda dos espartilhos do que séries de época, e ainda destaca “acho que muitos designers presumem que as pessoas [agora] têm uma necessidade reprimida de sair e festejar” (ZARRELA, 2021).

Esse resgate histórico pensando no escapismo não é novidade na moda, muito menos quanto ao espartilho. Como foi visto no capítulo 1, após a Revolução Francesa e o período posterior, no qual os espartilhos eram mais leves, a época Vitoriana resgatou com força total o *corset* com ossaturas mais pesadas. Depois da Segunda Guerra, na qual o espartilho tinha sido deixado de lado, Dior ressurgiu com o *New Look* e fez um sucesso estrondoso resgatando o saudosismo de um tempo de paz, e o espartilho trazendo a moda para uma visão de uma sociedade em cura. Os contrastes que o *corset* é capaz de criar são tão significativos que hoje, no século XXI, ainda estão desempenhando esse papel, nos levando a fantasias e sonhos no nosso próprio vestuário.

Nessa conjuntura, o *corset* resistiu de diferentes formas, ainda carregando estigmas e mitos, sendo considerado por muitos uma peça que significa unicamente constrição e opressão, mas como foi visto, ele possui novas narrativas, seja nas passarelas ou nas ruas, a peça ainda é usada para diferentes fins e diferentes públicos. Madame Sher, a famosa *corsetiere* brasileira, afirma que vê na peça uma imagem de impacto “Para mim o corset é

uma afirmação da própria sexualidade, do controle do próprio corpo” e entende que não é uma peça para todos, por isso a importância da liberdade de escolha que temos (ESTEVÃO, 2019).

Hoje, apesar o espartilho estar em alta nas tendências de moda, seu uso para *tight-lacing* e técnicas de diminuir a cintura são mais restritas a grupos específicos e entusiastas das peças, mas não por isso a atualidade deixa de se preocupar em seguir um padrão de beleza, aquele que os espartilhos foram acusados de serem os culpados no século XIX, pelo contrário, a nossa sociedade ainda acredita e faz grandes esforços para alcançar um corpo ideal. Jerônima Baco, *corsetiere* brasileira, afirma que o *corset* tem sido ressignificado nos últimos anos, e a peça se adaptou a mulher dos dias de hoje em diferentes cenários. Ela também entende que com a padronização existente hoje, a peça possa sim atrair pessoas com dismorfia corporal e que por isso é necessário trabalhar com a conscientização, fazendo a mulher conhecer e entender o próprio corpo. Em sua visão o espartilho não é usado para entrar no padrão, mas sim como expressão pessoal e forma de se sentir dona de si (EIRAS, 2021).

Valerie Steele, acredita que “o espartilho agora é mental”, e que a peça foi internalizada por meio das dietas, das cirurgias plásticas e exercícios, não sendo o espartilho o opressor e sim o sistema e as expectativas sociais sobre o valor das mulheres com a imposição a uma certa estética de um período (LE MOS, 2021). Assim, os padrões estéticos e a opressão da mulher são anteriores e posteriores ao espartilho, mudando apenas as formas, as narrativas e os objetos.

Talvez seja pertinente arriscar a afirmação de que, entre todos os momentos do uso (e não uso) do corset analisados, nosso século seja o mais constricto de todos. Nunca fomos tão magras, e nossa busca por este ideal nunca foi produtora de tantas tragédias, que ultrapassam as ocasionais costelas quebradas, documentadas por Ambroise Paré (apud. STEELE, 2001) – mas consideradas por Kunzle como sensacionalismo midiático, uma vez que a manchete “morte por tightlacing” é muito mais atraente (KUNZLE, 2004) do que uma “morte por (qualquer outra causa)”. Nossa busca pela conformação – voluntária – a um ideal de beleza ultrapassa o uso de objetos externos, e abarca a dieta extrema, os distúrbios alimentares, o abuso de exercícios e até mesmo atrocidades como cirurgias caseiras de redução de

estômago, ou lipoaspirações realizadas em clínicas clandestinas. (JARDIM, 2014, p.211)

Logo, o espartilho na atualidade está presente em diferentes setores sociais: nos produtores sob medida, nas grandes marcas de *fast fashion*, nos usuários que vão desde grupos de subculturas e entusiastas até as celebridades e usuárias do Tik Tok, que estão experimentando como tendência momentânea, nos grandes canais de informação sobre a peça, nas séries que o retracam no figurino e em muitas mulheres e homens que querem se expressar e usar o *corset* como lhe convém, seja por questões ortopédicas, de autoestima, afirmação de gênero, empoderamento dos corpos, autoexpressão ou estilo pessoal. Suas contradições e dualidades estão longe de desaparecer. A peça ainda é motivo de polêmicas e debates, abrindo espaço para novas releituras e narrativas. Ao longo de toda a história, modelamos e modificamos nossos corpos, e hoje o espartilho continua resistindo, ele apenas se adaptou e continuou das mais diversas formas, estilos, histórias e significados, conquistando seu lugar no século XXI.

Considerações Finais

O espartilho, portanto, pode ser compreendido em diferentes aspectos longe do senso comum de ser um objeto de opressão e tortura. Analisando sua história, é possível notar que nos seus mais de 400 anos de uso, o *corset* foi usado por mulheres de diferentes classes sociais, e de diferentes formas; surgindo como uma estrutura útil de suporte e postura, passa a ser fator de distinção social e vira regra moral, depois se torna opressor, perigoso, e também fetiche; adotado por homens; criticado por médicos e reformistas; amado e odiado; usado e abandonado; destruído e reconstruído; subvertido e ressignificado. A construção de um significado único não parece ser possível dentro dessa trajetória, e ao longo do projeto algumas dessas narrativas são importantes de se pontuar na contra-narrativa desse traje.

Nossa associação negativa com a peça veio principalmente dos pensamentos do século XIX, que instauraram diversos mitos e estigmas ao vestuário. Em um contexto patriarcal, o espartilho fez parte da formação de identidade da mulher burguesa e estava associado ao ideal feminino, e dentro dessa realidade as contradições da peça entre roupa íntima e parâmetro de respeitabilidade formavam um paradoxo de interesses entre o íntimo e o social. Dos mitos estabelecidos, foi possível ver que a o *tight-lacing* não era uma prática hegemônica e, na verdade, era malvista e motivo de escárnio por parte dos homens, notando-se que a maioria dos relatos se tratava de histórias fetichistas. Além de que as cinturas não eram tão finas quanto nos fazem acreditar, como foi visto não só nos estudos das peças sobreviventes, mas também de anúncios e propagandas da época, a diferença não é discrepante das nossas tabelas de medidas atuais. A imagem reconhecida da mulher vitoriana teve muito mais a ver com uma construção de uma ilusão através das proporções das roupas e da manipulação de imagens para se alcançar e mostrar um ideal de beleza, que foi aceito como única verdade do período.

No âmbito médico-científico, é notório que a maioria das críticas aconteceram por uma confusão do corpo físico com o corpo moral e social, os ataques eram feitos principalmente baseados em pseudociências e em argumentos moralistas, associados a campanhas ideológicas a favor da

maternidade em uma época de início de uma emancipação feminina e uso de métodos anticoncepcionais. Não é negado no projeto que o espartilho altera o corpo externo e interno, podendo haver agravamento de problemas de saúde pré-existentes ou a imposição de condições específicas aos usuários. Porém, foi visto como essas mudanças não afetam a expectativa de vida e nem impacta de forma que comprometa a saúde física e mental, um exemplo disso é a *tight-lacer*, portadora da cintura mais fina do mundo, Cathie Jung ter 84 anos e não possuir complicações pela prática.

As principais queixas de lesões ocasionadas pelo *corset* se configuravam como exceção e não como norma, e grande parte dos equívocos foram proporcionados por entender todo o uso do espartilho como *tight-lacing*, que estava longe de ser uma prática hegemônica do período. A verdade é que hoje, a medicina moderna atribuiria a maioria das críticas feitas na era vitoriana como consequências de trabalho pesado e prolongado, exposição a acidentes, deficiências alimentares e outras condições externas, e que por muito tempo, mesmo que já se considerasse outras hipóteses médicas da época absurdas, as atribuídas ao espartilho não foram questionadas. Atualmente, se sabe que as mudanças do corpo são diferentes das do século XIX, que as pessoas usavam a peça desde a infância, quando as costelas ainda são maleáveis, e que é possível seguir o uso e a prática do *tight-lacing* de forma segura com espartilhos sob medida, acompanhamento médico e prática de exercícios regulares, condições que não eram aplicáveis nas mulheres vitorianas.

Quanto ao *corset* ser ou não um instrumento de opressão feminina, a reflexão precisa considerar que as mulheres não eram passivas em suas histórias e que a vestimenta ocupava um lugar estratégico entre o social e o privado, tornando parte da própria narrativa da mulher como marketing pessoal e colocação na sociedade para conduzir seus interesses. O fato de o espartilho ter sido um item de moralidade obrigatório para as mulheres burguesas não significa que todas as mulheres o experimentaram da mesma forma, existindo modelos leves e possíveis afrouxamentos em outros contextos sociais, além das que desfrutavam de alguns prazeres do vestuário. O que não diminuiu o fato de que, no século XIX, o *corset* certamente simbolizou restrição e opressão para

muitas das mulheres, principalmente para as que naquele contexto manifestaram o desejo de ter mobilidade e direitos sociais.

Assim, com esses elementos em mente o espartilho se dividiu em diferentes interpretações, com grupos que lutaram por sua abolição e outros pelo seu uso ao extremo, e nessa dualidade é possível enxergar a pluralidade que o *corset* traz como objeto social, criado pelo contexto e não como peça monolítica. É fato que houve um movimento legítimo de mulheres reformistas contra o uso do espartilho e reivindicando mudanças tanto na vestimenta quanto sociais, porém a maioria das feministas não tinha a reforma do vestuário como prioridade, e a ligação entre ela e a emancipação feminina não foi uma verdade absoluta. Um dos aspectos que podem ter contribuído para o não engajamento nessa proposta seria a noção da roupa da reforma ser unicamente utilitária, ignorando seu lado decorativo e que isso atraía muitas mulheres.

O contraste delas com os *tight-lacers*, estava na relação desses grupos com o espartilho, enquanto um acreditava que o desvio do hegemônico se dava pela negação o outro praticava o extremismo, subvertendo os valores da sociedade. Dessa forma, há o corpo dos *tight-lacers* que são constrictos, porém livres em sua rebeldia; contra a liberdade da cintura de algumas reformistas que poderia se tornar uma restrição a possibilidades do vestuário. Esses dois grupos não foram os únicos a lidarem com essas contradições, as feministas de 68, que aboliram os espartilhos e própria feminilidade, lidaram com busca de um lugar natural, fora dos padrões sociais. A grande questão é que esse padrão de naturalidade estava sempre ligado a figura masculina, tornando a mulher a diferença e romantizando um natural que não existia. A subversão feita pelas subculturas posteriormente, utilizando o espartilho como visual de contracultura, mostra como a moda sendo um problema, também pode ser a solução, e ao invés de negá-la e acusá-la de ser responsável por opressões, a usar como autoafirmação e questionando o sistema com a autonomia do próprio corpo e tendo o poder de escolha.

O corpo é uma expressão necessariamente cultural, e o vestuário é sempre uma forma de interferência sobre ele. Isso se aplica não somente ao espartilho, só que, pelo grau de interferência dele podendo ser tão alto junto aos

outros fatores já mencionados, foi tachado como antinatural, feio, anormal e deformador. Mas na verdade, o *corset* é um diálogo com a cultura, seja reafirmando o *status* existente ou de forma crítica, e a exaltação do corpo natural parte de uma natureza idealizada, não existente. A modelagem corporal é inerente ao vestuário, e ela é condenada, ou não, com base na hegemonia vigente de naturalidade, a confrontando ou confirmando. O fator social imposto sobre a peça configurou as concepções sobre ela muito mais do que o objeto em si, e assim como o espartilho molda a mulher, o social moldou o espartilho.

Hoje, o *corset* se tornou também um adorno decorativo e de emancipação, sendo uma peça plurissignificativa e com diferentes interpretações, propósitos e usos. As manifestações atuais não necessariamente fazem alusão a função inicial da peça, mas houve uma adaptação a modernidade e aos novos estilos de vida. Na atualidade, ele se evidencia pela diversidade, e os usos estão dentro de benefícios físicos, mentais e sociais, seja para a postura, autoestima, identidade de gênero ou estilo pessoal. Desde as *corsetieres* que fazem o espartilho sob medida, até os entusiastas e amantes da peça e as subculturas que os usam, ele se constituiu neste século com uma rede de suporte de usuários nos mais diversos ramos, manifestando-se tanto no YouTube e Tik Tok, quando nas lojas de *fast fashion*, se constituindo como tendência passageira para alguns, mas também estilo de vida para outros.

Sua configuração como tendência no meio de uma pandemia, se deu principalmente pelo fator de escapismo que a peça possui. Quanto ao seu valor de manipulação dos corpos, na sociedade atual, o espartilho foi substituído por diferentes concepções com dieta, exercícios e cirurgias plásticas. Os padrões de beleza e a opressão feminina não desapareceram com o fim de sua hegemonia, e com certeza são anteriores ao seu uso também, mostrando quanto as demonizações não vingam, e o quanto ele, apesar de tudo, resistiu e garantiu seu lugar no século XXI como um item plural. O espartilho foi uma importante peça no vestuário ocidental por muito tempo, e dentre suas polêmicas e contradições, é um item essencial para se pensar em moda, sociedade e feminilidade, como um objeto único e que possuiu diferentes vivências e narrativas ao longo dos séculos. Esse projeto, porém, não abrange todas as

nuances e possibilidades de pesquisa dentro do espartilho e sua gama de assuntos, abrindo espaço a futuros projetos e pesquisas para se aprofundar, entender e confirmar diferentes níveis e camadas de análises do *corset*.

Referências Bibliográficas

ADIDAS AMERICA INC. **Adidas**, 2021. Loja. Disponível em: <<https://www.adidas.com/us/corset/H18830.html>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.

AMELIA BLOOMER. **Britannica**, 2020. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Amelia-Bloomer>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.

American Duchess, **Problem Solving with Regency Stays**. 2013. Disponível em: <<https://blog.americanduchess.com/2013/03/problem-solving-with-regency-stays.html>>. Acesso em: 27 de sept. de 2020.

The corset: Fashioning the Body. **Google Arts & Culture**. 2000. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/exhibit/the-corset-fashioning-the-body/ywLSW2u2jYt1Kw>>. Acesso em: 22 de out. de 2020.

Beautiful Grotesque, **Scenes of Crime: The Illustrated Police News**. 2012. Disponível em: <<http://beautiful-grotesque.blogspot.com/2012/10/scenes-of-crime-illustrated-police-news.html>>. Acesso em: 14 de nov. de 2020.

BILLIE EILISH É CAPA DA VOGUE E INTERNET SURTA, CONFIRA!
Atrevida, 2021. Disponível em: <<https://www.atrevida.com.br/noticias/fashion/billie-eilish-e-capa-da-vogue-e-internet-surta-confira.phtml>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.

BOWMAN, Karen. **Corsets & Codpieces: A History of Outrageous Fashion, from Roman Times to the Modern Era**. Reino Unido: Pen & Sword History. 2015.

CONCEIÇÃO, Giorgia. Reflexões sobre o New Burlesque e suas Reverberações na Performance. **Portal Abrace**, 2011. Disponível em: <<http://www.portalabrace.org/vireuniao/territorios/24.%20Giorgia%20Conceicao.pdf>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.

CORSETIERE MAP. **Lucy's Corsetry**, 2013. Disponível em: <<https://lucycorsetry.com/research-corset-brands/corsetiere-map/>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.

CUNNINGTON, C. Willett; CUNNINGTON, Phillis. **The history of underclothes**. Nova York: Dover Publications, 1992.

D'SILVA, Beverley. The controversial garment that never goes out of fashion. **BBC**, 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/culture/article/20210215-how-the-controversial-corset-made-a-comeback>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.

EIRAS, Natália. ESPARTILHOS: DE SÍMBOLO DE OPRESSÃO À TENDÊNCIA DO TIK TOK. **Elle**, 2021. Disponível em: <<https://elle.com.br/espartilhos-de-simbolo-de-opressao-a-tendencia-do-tik-tok>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.

ESTEVÃO, Ilca Maria. Cintura de ampulheta: entenda o retorno dos polêmicos corsets. **Metropoles**, 2019. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/colunas/ilca-maria-estevao/cintura-de-ampulheta-entenda-o-retorno-dos-polemicos-corsets>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.

EVANS, Caroline; THORNTON, Minna. **Women & Fashion: A New Look** 1. ed. London: Quartet Books, 1989.

FAVA, Aline. Efeito Bridgerton: corsets e luvas voltam e resgatam o glamour da realeza. **Nossa UOL**, 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2021/03/02/efeito-bridgerton-tendencia-regencycore-aumenta-busca-por-corsets-e-luvas.htm>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.

FEIJÃO, Rosane. **Moda e Modernidade na belle époque carioca**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

FERNANDES, Anna Cláudia. **Corpo Espartilhado e Corpo Libertado: Os Debates Sobre a Abolição do Espartilho no New York Times Durante a Década de 1980**. Lume UFRGS, 2010.

FONTANEL, Beatrice. **Sutiãs e Espartilhos: Uma história de sedução**. São Paulo: GMT Editores Ltda, 1998.

Forbes, **How Corsets Deformed the Skeletons of Victorian Women**. 2015. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/kristinakillgrove/2015/11/16/how-corsets-deformed-the-skeletons-of-victorian-women/?sh=57e1cd42799c>>. Acesso em: 14 de nov. de 2020.

FOX-SULIAMAN, Jasmine. Fashion Is Dissent—How Style Played a Role in Equality Movements. **WHO WHAT WEAR**, 2020. Disponível em: <<https://www.whowhatwear.com/suffrage-movement-fashion/slide2>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.

FULCO, Paulo; ALMEIDA SILVA, R. 2008. **Modelagem plana feminina**. Rio de Janeiro. SENAC.

GIBSON, Rebecca. Effects of Long Term Corseting on the Female Skeleton: A Preliminary Morphological Examination. **Nexus: The Canadian Student Journal of Anthropology**, Volume 23 (2), sep. de 2015. Disponível em: <<https://journals.mcmaster.ca/nexus/article/view/983>>. Acesso em: 11 de nov. de 2020.

HOLLANDER, Anne. **O Sexo e as Roupas: A Revolução do Traje Moderno**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

HONIG, Michelle. Why Corsets Are Still The Most Misunderstood Garments In Fashion History. **Bustle**, 2017. Disponível em: <<https://www.bustle.com/p/the-history-of-corsets-is-more-complicated-than-you-probably-think-2779175>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.

JARDIM, Marília Hernandes. **O Corset na Moda Ocidental: Um Estudo Sociosemiótico Sobre a Construção do Torso Feminino do Século**. PUC/SP, 2014.

KUNZLE, David. **Fashion & Fetishism: Corsets, Tight-Lacing & Other Forms of Body- sculpture**. Gloucestershire. The History Press (kindle edition), 2013.

LAVER, James. **A roupa e a moda: uma história concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LEMONS, Carla. Em alta com Beyoncé e tiktokers: será que o corset é mesmo opressor? **Universa UOL**, 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/colunas/carla-lemos/2021/03/18/em-alta-com->

beyonce-e-tiktokers-sera-que-o-espartilho-e-mesmo-opressor.htm>. Acesso em: 12 de maio de 2021.

LISTA DE CORSETMAKERS BRASILEIRAS. **Tight Lacing Blog**, 2009. Disponível em: <<https://tightlacing.blogspot.com/2008/05/lista-de-corsetmakers-brasileiras.html>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.

MADAME SHER CONFECÇÕES LTDA. **MadameSher corsets**, 2021. Loja. Disponível em: <<https://www.madamesher.com/store/>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.

O CORSET. **MadameSher corsets**, 2018. Disponível em: <<https://www.madamesher.com/store/text/thecorset>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.

PIRANI, Juliana Gomes. **O Corpo Modelado: Como a Roupa Interior Estabeleceu as Silhuetas do Século XIX**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Quora, **Historical Costume in Late 19th Century**. 2016. Disponível em: <<https://www.quora.com/Historical-Costume-In-late-19th-century-America-did-working-class-women-wear-underclothing-like-corsets>>. Acesso em: 13 de nov. de 2020.

SABRINA. Os Bridgerton | Primeiro trailer e data de estreia são divulgados. **Suco de Mangá**, 2020. Disponível em: <<https://sucodemanga.com.br/os-bridgerton-primeiro-trailer-e-data-de-estreia-sao-divulgados/>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.

SANA. Gothic: Dark Glamour – A Exposição. **Moda de Subculturas**, 2010. Disponível em: <<http://www.modadesubculturas.com.br/2010/07/gotic-dark-glamour-exposicao.html>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.

SEARS, Jocelyn. How Photo Retouching Worked Before Photoshop. **Mentalfloss**, 28 de jul. de 2016. Disponível em: <<https://www.mentalfloss.com/article/83262/how-photo-retouching-worked-photoshop>>. Acesso em: 11 de nov. de 2020.

SELESHANKO, Kristina. **Bound & Determined: A Visual History of Corsets, 1850-1960**. Mineola, Nova York: Dover Publications, Inc, 2012.

SHEIN. **Shein**, 2021. Loja. Disponível em: <<https://br.shein.com/>>. Acesso em: 14 de jan de 2021.

SILVA, Maria Helena. A fotografia e a pintura como fontes primárias para o historiador: história, benefícios e questionamentos. **Universidade Federal de Sergipe**, 13 de fev. de 2016. Disponível em <<https://seer.ufs.br/index.php/historiar/article/view/5039>>. Acesso em: 11 de nov. de 2020.

STAYS. **Victoria and Albert Museum**, 2005. Disponível em: <<https://collections.vam.ac.uk/item/O115752/stays-unknown/>>. Acesso em: 01 de maio de 2021.

STEELE, Valerie. **Encyclopedia of Clothing and Fashion** - Volume 1. Thomson Gale, 2005.

_____. **Fetichismo: moda, sexo e poder**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **The Corset: A Cultural History**. New Haven & London: Yale University Press, 2001.

That Waist! – Photo Editing at the Turn of the Century. **REDTHREADED**, 13 de jun. de 2017. Disponível em: <<https://redthreaded.com/blogs/redthreaded/that-waist-photo-editing-at-the-turn-of-the-century>>. Acesso em: 11 de nov. de 2020.

The dreamstress, **Terminology: What's the difference between stays, jumps and corsets**, 2013. Disponível em: <<http://thedreamstress.com/2013/08/terminology-whats-the-difference-between-stays-jumps-a-corsets/>>. Acesso em: 22 de out. de 2020.

TWITTER, INC. **Twitter**, 2021. Rede Social. Disponível em: <https://twitter.com/search?q=tireoespartilho&src=typed_query&fbclid=IwAR0HlEdvMoKBMKBuF9rP2-CFfT5Hh2VLR70smjfpOmckPJWe3_FvDUuYtWI>. Acesso em: 01 de maio de 2021.

Victoriana Magazine. s/d. Disponível em:
<<https://br.pinterest.com/pin/506373551824422949/>>. Acesso em: 27 de sept. de 2020.

WAUGH, Norah. **Corsets and Crinolines**. Nova York: Routledge Theatre Arts Books, 1954.

WILLIAMS, Lucy. Corsets and Skeletal Deformities: Anthropological Study. **Lucy's Corsetry**, 5 de oct. de 2015. Disponível em
<<https://lucycorsetry.com/2015/10/05/corsets-skeletal-deformities-anthropological-study/>>. Acesso em: 11 de nov. de 2020.

_____. Corsets, Lungs and Breathing. **Lucy's Corsetry**, 6 de jan. de 2012. Disponível em <<https://lucycorsetry.com/2012/01/06/corsets-and-breathing/>>. Acesso em: 11 de nov. de 2020.

_____. Responding to Media Sensationalism...Again. **Lucy's Corsetry**, 10 de mai. de 2013. Disponível em <<https://lucycorsetry.com/2013/05/10/responding-to-media-sensationalism-again/>>. Acesso em: 11 de nov. de 2020.

_____. **Solaced: 101 True Stories About Corsets, Well-being, and Hope**. 1. ed. Middlow, 2016.

Witness2fashion, **Underpinning the twenties corsets and corselets**. 2014. Disponível em:
<<https://witness2fashion.wordpress.com/2014/07/27/underpinning-the-twenties-corsets-and-corselets/>>. Acesso em: 10 de out. de 2020.

XIMENES, Maria Alice. **MODA E A ARTE NA REINVENÇÃO DO CORPO FEMININO DO SÉCULO XIX**. 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

ZARRELLA, Katharine K.. Corsets Are Back, Thanks to 'Bridgerton' and Party Fever. **The Wall Street Journal**, 2021. Disponível em:
<<https://www.wsj.com/articles/corsets-are-back-thanks-to-bridgerton-and-party-fever-11617422400>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.